



**Nuno Manuel  
Pestana de  
Vasconcelos  
Dias Gaspar**

**O empreendedorismo como determinante empírico  
da felicidade**



**Nuno Manuel  
Pestana de  
Vasconcelos  
Dias Gaspar**

**O empreendedorismo como determinante empírico  
da felicidade**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Economia - Ramo de Finanças, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Elisabeth Teixeira Pereira e Rocha, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro

## **o júri**

presidente

Professora Doutora Marta Alexandre da Costa Ferreira Dias  
Professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Arguente principal

Professora Doutora Micaela Moreira Pinho  
Professora auxiliar convidada da Universidade de Aveiro

Orientadora

Professora Doutora Maria Elisabeth Teixeira Pereira e Rocha  
Professora auxiliar da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

Apesar da presente dissertação ser fruto de um trabalho individual, ela é também o resultado de uma série de apoios e incentivos, pelo que gostaria de agradecer todos aqueles que, diretamente e indiretamente, me ajudaram neste projeto.

Assim e em primeiro lugar gostaria de agradecer a colaboração da minha orientadora, Professora Doutora Maria Elisabeth Teixeira Pereira e Rocha, pelo apoio científico e ainda pela disponibilidade e incentivo demonstrados. Agradeço também ao meu pai, primos e amigos e especialmente à minha mãe por toda a ajuda e compreensão com que me acompanharam neste processo.

## palavras-chave

Empreendedorismo, empreendedorismo por necessidade, empreendedorismo por oportunidade, bem-estar-económico, economia da felicidade,

## resumo

O empreendedorismo é um conceito que tem verificado uma preponderância crescente no contexto económico, e que se afigura muito relevante na definição de políticas económicas, particularmente para as economias que privilegiam o papel da inovação para o seu desenvolvimento. Ao longo deste trabalho de investigação, o empreendedorismo é abordado na sua relação e contribuição para o bem-estar, com especial enfoque na tese defendida no relatório realizado pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (2013) que refere que os empreendedores demonstram, em média, níveis de bem-estar mais elevados do que os dos agentes que funcionam na qualidade de trabalhadores por conta de outrem. Com este propósito subjacente como objetivo de investigação do presente trabalho, elegeram-se como tópicos a desenvolver o empreendedorismo e o bem-estar/felicidade, procurando sempre ponderar e avaliar o tipo de relação que se estabelece entre estes dois conceitos e a contribuição das variáveis do empreendedorismo como determinantes explicativas da felicidade. Face a este desafio, recorreu-se aos modelos econométricos logístico ordenado *probit* e o logístico ordenado generalizado para estudar e analisar esta relação. Os resultados gerais obtidos pelo estudo empírico desenvolvido, permitiram concluir que os empreendedores são aqueles que detêm maior probabilidade de serem felizes em comparação com os trabalhadores por conta de outrem.

**keywords**

Entrepreneurship, entrepreneur, entrepreneurship by necessity, entrepreneurship by opportunity, subjective wellbeing, economic of wellbeing, economics of happiness, self-employed, hired worker.

**abstract**

Entrepreneurship is a concept that has experienced a growing preponderance in the economic context and it is therefore very relevant in the definition of economic policies, particularly for the economies that emphasize the role of innovation for their development. Throughout this research work, entrepreneurship is addressed in its relationship and contribution with the well-being with special focus on the view taken in the report by the Global Entrepreneurship Monitor (2013) which states that entrepreneurs show, on average, higher levels of well-being than the agents who work as laborers for others. Underlying this conclusion as the goal of this research, we elected to study the topics of entrepreneurship and well-being/happiness and always trying to weigh and measure the type of relationship established between those two concepts and the contribution of the entrepreneurship variables as explanatory determinants of happiness. Faced with this challenge, we used the logistic econometric models ordered *probit* and the generalized ordered logistic to study and analyze this relationship. The results generated by the empirical study, showed that entrepreneurs are those who hold more likelihood to be happy when compared with those individuals that work for others.

## ÍNDICE:

	Lista de abreviaturas.....	I
	Lista de gráficos.....	II
	Lista de tabelas.....	II
1	Introdução.....	1
2	Revisão da literatura.....	3
2.1	Economia da Felicidade .....	3
2.2	Bem-estar subjetivo (BES) .....	4
2.3	Felicidade e rendimento .....	5
2.4	Empreendedorismo e Felicidade.....	7
3	Dados e Metodologia.....	13
3.1	Descrição dos modelos aplicados .....	14
3.2	Descrição dos dados e amostra .....	16
4	Análise e discussão dos resultados .....	21
4.1	Modelos explicativos .....	21
4.2	Resultados empíricos .....	23
4.3	Modelo logit .....	26
5	Conclusões .....	27

## LISTA DE ABREVIATURAS:

BES – Bem-estar subjetivo

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

HPI – Happy Planet Index

IEA - Institute of Economics Affairs

NEC – Percentagem de empreendedorismo por necessidade

NEF – New Economics Foundation

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ONS - Office for National Statistics

OPP – Percentagem de empreendedorismo por oportunidade

PIB – Produto Interno Bruto

TEA – Taxa Early-Stage Activity



## ÍNDICE DE GRÁFICOS:

Gráfico 2.1: Rácio de empreendedores e a sua satisfação com o trabalho .....	10
Gráfico 2.2: BES (Gallup) vs NEC (GEM) para 2014 .....	12
Gráfico 2.3: BES (Gallup) vs OPP (GEM) para 2014 .....	12
Gráfico 3.1: Função das probabilidades - log-likelihood .....	15
Gráfico 3.2: Felicidade reportada por situação de trabalho .....	19

## ÍNDICE DE TABELAS:

Tabela 3.1: Descrição das variáveis e fontes .....	17
Tabela 3.2: Descrição dos dados .....	18
Tabela 4.1: Sumário das variáveis (sem variáveis empreendedorismo) .....	21
Tabela 4.2: Sumário das variáveis (com variáveis empreendedorismo) .....	22
Tabela 4.3: Correlações entre as variáveis .....	22
Tabela 4.4: Resultados dos modelos ordenados Probit (oprobit) .....	23
Tabela 4.5: Efeito das variações das variáveis independentes .....	24
Tabela 4.6: Probabilidades dos efeitos marginais médios .....	25

# 1 INTRODUÇÃO

---

*“O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a revolução industrial foi para o século XX”*

*Jeffry Timmons, 1990 citado em Dornelas, 2001, p.18*

O empreendedorismo é um conceito cada vez mais presente no contexto económico e relevante na definição de políticas económicas regionais e governamentais, particularmente para as economias que privilegiam o papel chave da inovação para o seu desenvolvimento. Inovação apresenta-se como um importante determinante para promover o desenvolvimento económico sustentável. O que é corroborado por Pacheco (2009) ao referir que o empreendedorismo é influenciado pelo ecossistema envolvente, o qual constitui um processo gerador de inovação, o que conduz ao desenvolvimento económico e social, desde que este assente em princípios de desenvolvimento económico sustentável. Para garantir este propósito o bem-estar económico é essencial.

Assim, face à pertinência que esta constatação encerra, elegem-se como tópicos a desenvolver, no presente estudo, o empreendedorismo e o bem-estar/felicidade, procurando sempre ponderar e avaliar o tipo de correlação que se estabelece entre eles. Na persecução deste objetivo o presente trabalho debruça-se sobre a vertente social que o conceito de felicidade encerra, uma vez que ele espelha a forma como as pessoas se sentem, funcionam e como avaliam a sua vida como um todo.

Para o estudo sobre esta temática, foi tomado como ponto de partida, dada a sua atualidade, abrangência e fiabilidade, o relatório produzido pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), datado de 2013, que monitoriza e avalia a atividade empreendedora em vários países (União Europeia, África, Ásia, América do Norte e Sul). Mantendo sempre subjacente ao longo do percurso de investigação o objetivo inicial referido, dá-se um especial enfoque a uma das conclusões enunciada no relatório do GEM que aponta para o facto de se ter verificado que, no contexto do empreendedorismo, os agentes que se apresentam na qualidade de empreendedores, demonstram, em média, níveis de bem-estar mais elevados, em relação aos agentes que funcionam na qualidade de trabalhadores por conta de outrem (GEM 2013).

O bem-estar subjetivo (BES) é uma temática abordada por várias áreas científicas (psicologia, sociologia, economia, gestão, etc..). De acordo com Albuquerque e Tróccoli (2004, p.153) “O estudo do bem-estar subjetivo busca compreender a avaliação que as pessoas fazem das suas vidas”.

Sabemos que, presentemente, existem várias instituições, que se dedicam a analisar e avaliar o bem-estar, em várias regiões e países. Estas instituições recolhem e disponibilizam a informação e os dados necessários para que os decisores políticos dos vários governos possam analisar o impacto que as políticas implementadas tiveram no bem-estar de cada sociedade, e permitem também perspetivar alterações e ou correções tendentes a otimizar este processo. Pelo que, ao longo do presente trabalho vamos também recorrer a esse tipo de dados/informação disponível.

Ao encetarmos este percurso de investigação e reflexão fazemo-lo com a convicção que o conhecimento da relação entre o bem-estar/felicidade e o empreendedorismo é muito relevante em termos económicos e sociais, uma vez que dela advém o conhecimento necessário para de uma forma consequente, fornecer informação e sustentar a tomada de decisões políticas e económicas. Face a esta conjuntura partimos para a nossa investigação com a seguinte pergunta de partida:

- Que tipo de relação e dinâmica se estabelece entre o empreendedorismo e o bem-estar subjetivo?

O presente estudo apresenta-se estruturado nos seguintes capítulos: Introdução, Revisão da Literatura, Metodologia, Análise e Discussão dos Resultados e, por último, Conclusões. Na revisão da literatura procede-se a uma análise da literatura científica e da documentação existente que se considerou pertinente relativa à abordagem das seguintes temáticas: economia da felicidade/bem-estar; bem-estar subjetivo; felicidade e rendimento; felicidade e empreendedorismo. Este capítulo é seguido por outro onde se aborda a metodologia utilizada, a descrição dos modelos aplicados e o tipo de dados utilizados. No penúltimo capítulo apresentam-se os resultados e procede-se às respetivas interpretações. Por último, faz-se um balanço do percurso realizado e elaboram-se as respetivas conclusões.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

---

### 2.1 ECONOMIA DA FELICIDADE

A economia da felicidade - *Economy of Happiness ou Welfare Economics* - tem vindo, nos últimos anos, a ganhar especial relevo, tanto nas áreas científicas das ciências sociais, como a Economia, a Gestão, a Psicologia, entre outras e ainda ao nível dos centros de decisão empresariais e governamentais. É uma área que visa assegurar a informação necessária para sustentar estudos teóricos e quantitativos sobre a felicidade individual/nacional que facilitem a tomada de decisão no sentido da melhoria do bem-estar e desenvolvimento económico e social. Assim, o objetivo prioritário da economia da felicidade é a maximização da felicidade através dos seus determinantes (variáveis que explicam a felicidade), deixando para segundo plano as principais preocupações das economias industriais atuais, tais como a maximização da riqueza, do rendimento e dos lucros, ou seja, o produto interno bruto (PIB). Para além de se debruçar sobre a componente emocional de uma população ou grupo específico de pessoas, esta área socioeconómica, também se constitui como um instrumento de avaliação do desempenho económico nacional. Pelo que, a economia da felicidade, tem em vista a otimização da tomada de decisões ao nível macroeconómico.

A economia da felicidade, enquanto ramo da economia que se debruça sobre a felicidade e o bem-estar, resulta de um longo e crescente debate que encontra a sua génese nas tentativas de Adam Smith, em 1776, em implementar políticas governamentais mais sociais. Foi também Adam Smith que nos colocou perante uma teoria económica orientada para medir e promover o bem-estar social, denominada “*welfare economics*”. O mesmo autor, em 1780, desenvolveu a abordagem seminal no sentido de uma política económica para maximizar o bem-estar. Esta, tinha como principais alicerces os princípios universais de justiça e diligência e a sua finalidade era constituir-se como um instrumento à disposição dos vários governos, capaz de regular e garantir tanto a equidade como a ordem social (Hill, 2014).

Atualmente, vários economistas, entre os quais Frey e Stutzer (2002b), Stutzer (2004) Stutzer e Frey (2010), Sacks et. al. (2010) e Naudé et. al. (2014) produziram notáveis contribuições para a literatura sobre a economia da felicidade. A estas contribuições temos que, forçosamente, acrescentar as produzidas por Easterlin (1974, 1995, 2001a, 2001b), que, de certa forma, impulsionaram a importância desta temática para posteriores estudos e debates económicos. Podemos até referir que, a maioria dessas publicações incidem sobretudo no estudo da dinâmica que se estabelece entre a variável bem-estar e rendimento. Todavia, também outras variáveis são equacionadas nesses estudos, como por exemplo o desenvolvimento económico das nações (Sacks et al., 2010), o desemprego (Clark & Oswald 1994; Di Tella et al. 2001; Helliwell 2003) e o empreendedorismo (Binder e Coad, 2013; Blanchflower, 2004; Blanchflower et

al., 1998; Block & Koellinger, 2009; Craig et al., 2007; Naudé et al., 2014; Saiz-Alvarez et al., 2014; Uy et al., 2013). No que concerne a este último tópico vamos voltar a ele, de forma mais detalhada, no subcapítulo 2.4.

No presente trabalho optou-se por colocar como pano de fundo a dinâmica que subjaz à relação que se estabelece entre a felicidade e o empreendedorismo. Porém, todos os trabalhos nos quais se relacione o bem-estar com variáveis diferentes do empreendedorismo vão também constituir objeto da nossa atenção. Esta opção tem por objetivo valorizar a metodologia utilizada nestes trabalhos por considerarmos que esta representa uma *mais-valia* para o estudo empírico desenvolvido na presente dissertação.

## 2.2 BEM-ESTAR SUBJETIVO (BES)

Bem-estar subjetivo (BES) é um termo, a partir do qual se pretende representar a avaliação que cada indivíduo faz da sua felicidade ou da sua satisfação com a vida (Stutzer, 2004). Avaliação essa, para a qual contribuem tanto as experiências positivas como as experiências negativas que se vão acumulando.

Nas últimas três décadas, vários estudos foram orientados no sentido de identificar o que influencia o BES. Segundo Layard (2003) este conjunto de investigações sugere que os determinantes empíricos do BES podem ser encontrados tanto ao nível individual (genético), como ao nível da sociedade/meio ambiente onde o indivíduo se encontra inserido. Além destes, também há a considerar o tipo de escolhas realizadas pelo indivíduo ao nível do seu projeto de vida e ainda da forma como gere o seu quotidiano (Naudé *et al.* 2014).

A grande maioria dos estudos científicos sobre esta temática está relacionada com a psicologia e a sociologia (Diener & Biswas-Diener 2008; Kahneman et al. 1999; Seligman 2002; Van Boven 2005). Embora, estas áreas não se enquadrem no âmbito do nosso trabalho, não podemos deixar de reconhecer que elas encerram notáveis contribuições para a abordagem do tema da felicidade, tais como: (1) a formulação do seu conceito; (2) a sua medição; (3) a sua comparação entre indivíduos ou nações ao longo do tempo; (4) a identificação dos vários determinantes da felicidade; (5) e como esses determinantes afetam, de uma forma transitória ou duradoura, a felicidade (Naudé *et al.*, 2014).

Para além destas contribuições, é indispensável salientar também a importância dos questionários formulados e utilizados por Diener e Biswas-Diener (2008), Hupperty et al. (2005), Layard (2011) e Seligman (2011). Recorrendo a estes questionários e aos dados por eles recolhidos, é possível obter os indicadores necessários para se proceder à avaliação individual sobre felicidade (Kahneman et al., 1999).

Atualmente existem entidades que se dedicam à medição da felicidade individual e nacional o que nos permite aceder de forma rápida e sistemática a uma base de dados sobre o bem-estar e

às variáveis usadas para a sua medição. Entre essas entidades podemos evocar as seguintes: Office for National Statistics – ONS (NEF, 2012); World Values Survey (Stevenson e Wolfers, 2008); Gallup World Poll (Stevenson & Wolfers, 2008); OCDE – Better life index; GEM – Adult Population Survey; World bank of Happiness (Naudé et al., 2014); Happy Planet Index.

Perante toda esta informação que temos agora ao nosso dispor, podemos partir para o presente trabalho com condições para realizar uma incursão mais sustentada sobre a relação entre o bem-estar e outras variáveis. Contudo, embora com acesso a estas bases de dados, temporais e geográficas, sobre o bem-estar, a tarefa de analisar a relação da variável bem-estar com outras variáveis nem sempre poderá ser linear - *straight forward*. Alguns cuidados são imprescindíveis, uma vez que a base de dados a utilizar deve ser escolhida cuidadosamente. Isto porque, cada entidade, acima referida, usa o seu próprio sistema de medição, ou seja, as variáveis determinantes utilizadas para medir o bem-estar podem diferir entre as várias bases de dados. Tal circunstância advém da inexistência de um consenso comum de como medir a felicidade ou satisfação com a vida.

Embora a economia da felicidade tenha a sua génese, como já foi referido anteriormente, na psicologia, a sua aplicação na economia, ao longo das últimas três décadas, tem vindo a crescer exponencialmente graças aos contributos científicos de Clark e Oswald (1994), Di Tella et al. (2001), Easterlin (2001a), Frey e Stutzer (2000), Kahneman et al. (1997) e para surveys, Frey e Stutzer (2002a, 2002b); Oswald (1997).

Enquadrando esta temática na área do nosso trabalho, podemos referir que o BES pode e já foi usado como uma *proxy* da utilidade individual. Stutzer, em 2004, deu uma das contribuições mais interessantes aplicando o BES como uma *proxy* da utilidade individual. Também, citando Frey e Stutzer (2002b), existe evidência empírica que sugere que os sistemas de medição da satisfação com a vida são uma aproximação empírica válida, para a medição da utilidade individual. Segundo Layard (2003) e Seligman (2002) a maioria dos determinantes do BES podem ser controlados através de políticas governamentais e/ou influenciados pelas escolhas individuais, mediante os quais a utilidade individual também pode ser estimulada.

## 2.3 FELICIDADE E RENDIMENTO

A generalidade dos governos dá grande importância ao bem-estar da população, todavia, no campo político-económico e nos debates que nele se geram, verifica-se, com frequência, que essa atenção se foca apenas no crescimento económico (NEF, 2012), traduzido no crescimento do indicador económico Produto Interno Bruto (PIB).

Recorrendo às abordagens económicas clássicas e neoclássicas, o entendimento geral é utilizar o valor do PIB como a melhor representação do bem-estar e felicidade de uma sociedade. Tendo em consideração estas correntes de pensamento, em 1974, Easterlin realizou um estudo

seminal que nos permite compreender a relação e correlação existente entre rendimento e bem-estar. Nele, Easterlin obtém duas observações que colidem entre si: (1) dentro de uma sociedade, os inquiridos com maior rendimento, em média, são os que estão mais satisfeitos com a vida; (2) mas, aumentando o rendimento individual de todos os indivíduos, dentro de uma sociedade, não significa, que em média, vá aumentar o bem-estar subjetivo dos indivíduos em questão. E a que Stutzer (2004, p.89) reforça afirmando que *“There is a systematic evidence that people in industrialized countries are not becoming happier over time, despite economic growth. However, people with a higher income than others in their society do report higher levels of happiness.”*

Neste contexto, estamos perante um paradoxo entre felicidade e rendimento, o qual adquiriu o nome do seu mentor - *Paradoxo de Easterlin*.

Segundo Easterlin (1974, 1995, 2001a, 2001b) a origem deste paradoxo reside no conceito de *“income aspirations”*. Por outras palavras, este conceito está relacionado com a ambição presente no indivíduo, sendo esta insuflada pelas características da sociedade na qual se encontra inserido. Para Stutzer (2004), existe evidência de que a ambição de atingir níveis mais elevados de rendimento reduz a satisfação individual perante a vida, *ceteris paribus*. Consta-se ainda que este efeito negativo está mais presente em sociedades com elevada desigualdade. Segundo este investigador, os indivíduos estão constantemente a realizar comparações entre tudo o que os rodeia, logo sociedades com maior desigualdade acabam por provocar mais razões para incrementar essa comparação.

Assim, um indivíduo com salário médio, inserido numa sociedade considerada rica, alcançará sempre níveis mais baixos de felicidade do que os seus pares, mesmo que ele tenha consciência que o seu rendimento lhe permite a estabilidade financeira. Retirando o indivíduo dessa realidade para um local economicamente mais baixo, provavelmente, este já reportaria níveis maiores de felicidade.

A identificação deste paradoxo abriu portas a um debate sobre a relação entre rendimento e bem-estar. Os investigadores Stevenson e Wolfers, em 2008, reavivaram este debate e conduziram um estudo semelhante ao de Easterlin tendo obtido uma relação pequena mas positiva, entre rendimento e bem-estar. Relação essa, detetada a nível individual/nacional e ao longo do tempo (Saiz-Alvarez et al, 2014).

Opositores às evidências de Easterlin, tais como Stevenson e Wolfers (2008), sustentam a sua oposição referindo o facto de que, na altura que foi identificado o *paradoxo da felicidade*, a base de dados existente sobre o bem-estar era escassa, o que terá condicionado, na opinião deles, a realização de um estudo empírico fiável, entre países e ao longo do tempo.

Contudo, os avanços realizados no âmbito desta temática levaram a que, alguns investigadores, economistas e políticos passassem a dar uma importância acrescida ao peso que o bem-estar subjetivo tem na medição do progresso económico de cada nação.

Nesta conjuntura Stiglitz, Sen e Fitoussi (2009) sugerem o uso de indicadores de bem-estar no sentido de fornecer uma melhor informação para a tomada de decisões políticas e económicas e afirmam que, atualmente, estamos num momento propício para utilizar esta ferramenta, em vez de recorrer apenas à medição da produção económica. Também Layard (2003) defende a existência de políticas governamentais que se foquem, essencialmente, na maximização do bem-estar.

Todavia, existem oposições a esta linha de pensamento, mantidas, nomeadamente, pelo *Institute of Economics Affairs* (IEA) que, na publicação de uma coleção de estudos, em Janeiro de 2012, contesta o uso do indicador de bem-estar, como guia para a tomada de decisões. Oposição esta, contestada, posteriormente, por um estudo divulgado pelo NEF, em Março de 2012, no qual se refutam as críticas apresentadas no trabalho elaborado pelo (IEA), e onde se defende que os indicadores de bem-estar produzem informações determinantes para medir o progresso e o desenvolvimento económico. Porém, o mesmo estudo alerta, da forma que a seguir se transcreve, para a necessidade de enquadrar este indicador numa análise mais abrangente, sistematizando-o em conjunto com outros indicadores:

*“Subjective well-being indicators should form a part of a dashboard which would also include a set of Drivers of Well-Being: objective indicators – such as GDP or unemployment – that would be used to help paint a full picture of national well-being.” (NEF, 2012, p.3)*

## 2.4 EMPREENDEDORISMO E FELICIDADE

Existem inúmeros trabalhos que fornecem evidências significativas relativamente ao impacto positivo da atividade empreendedora na economia, isto porque ela facilita, em grande parte, a manutenção das empresas já existentes e a criação de novas. Algo que, segundo Pacheco (2009), é fundamental para a sustentabilidade económica. Segundo o relatório de 2004 do GEM a atividade empreendedora contribui muito para o desenvolvimento económico, nomeadamente, devido à criação de novos empregos e à promoção de negócios inovadores. Presentemente, o empreendedorismo, na maioria das economias mundiais, tem alcançado níveis históricos que, mediante o plasmado num relatório, de 2013, do GEM, poderão estar relacionados com a atual prioridade mundial de criar novos postos de trabalho.

Sobre a temática da felicidade e reportando-nos ainda, a este último relatório do GEM vamos destacar aqui, devido à pertinência que entendemos que tem para o nosso estudo, uma das conclusões nele contidas que aponta para o facto de considerar que os empreendedores, em média, sentem-se mais felizes, em relação àqueles que o não são. A literatura que vamos analisar em seguida foi selecionada para fundamentar esta observação.



Segundo Andersson (2008), existem evidências bastante robustas, que indiciam que os empreendedores experienciam níveis maiores de satisfação com o trabalho (um dos fatores determinantes para a felicidade individual) que trabalhadores por conta de outrem.

Segundo Hundley (2001), trabalhadores por conta própria (empreendedores) têm, também, níveis de satisfação mais elevados devido às regalias associadas ao trabalho que desempenham. Regalias essas, que se traduzem em maior autonomia e flexibilidade. Outra das razões, reside no facto de, segundo Binder e Coad (2013), os empreendedores deterem um estilo de vida independente e de serem os seus próprios patrões. Neste sentido, pode-se ainda acrescentar que, os empreendedores aplicam melhor as suas competências e adquirem uma percepção de maior segurança, face ao posto de trabalho. Enquanto empreendedores, estes agentes económicos, também são identificados como os mais saudáveis e os menos sujeitos a sentimentos negativos ou depressões psicológicas (Bradley & Roberts 2004; Ceja 2009; Graham et al. 2004; Patzelt & Shepherd 2011; citados por Naudé et al., 2014).

A maior parte da vida de um indivíduo é passada a trabalhar, pelo que a satisfação com o trabalho se traduz num fator essencial para a felicidade individual. Contudo, ela é necessária, mas não é suficiente para determinar a felicidade individual, uma vez que existe uma rede de interações entre diversos fatores (determinantes) que influenciam essa avaliação (Binder e Coad, 2013). Trata-se assim de um processo que precisa de ser realizado de forma mais abrangente, com vista a respeitar a sua complexidade.

Evocando Andersson (2008) podemos considerar que existem poucas evidências sobre a relação entre felicidade e empreendedorismo. Porém, investigadores como Blanchflower e Oswald (1998) fornecem evidências empíricas de que, nos Estados Unidos, jovens empreendedores são os mais felizes. Também Craig et al. (2007) nos fornece evidências desta relação positiva, no que concerne às pequenas e médias empresas Australianas. Contudo Blanchflower, em 2004, ao analisar dados referentes a 25.000 indivíduos de 23 países da União Europeia, não conseguiu estabelecer esta relação, de uma forma significativa. Todavia, quando lançou essa análise numa amostra mais restrita, ou seja, em subgrupos dentro das sociedades europeias, já concluiu que o autoemprego está, significativamente, relacionado com a felicidade.

Dolan *et al.* (2008) alertam que as evidências empíricas sobre esta conexão se revelam pouco claras e por isso, não reúnem as condições necessárias para se poder produzir uma conclusão fundamentada. Segundo Binder e Coad (2013), este défice de fortes evidências empíricas pode dever-se ao facto de os empreendedores formarem um grupo heterogéneo, que é, também comprovado por Santarelli e Vivarelli (2007). Quando procedemos à observação deste grupo de indivíduos encontramos dois tipos específicos, aqueles que se iniciam como empreendedores: (1) porque realmente o quiseram, logo sentem satisfação em fazê-lo; (2) e aqueles que, devido a forças externas, foram obrigados a isso. Segundo Fuchs-Schundeln (2009),

este último grupo de indivíduos pode não apreciar o estilo de vida de empreendedor o que, por sua vez, poderá ter reflexos negativos na sua felicidade.

Com o objetivo de refletir, um pouco mais, no sentido de compreender as razões que determinam que um indivíduo invista no empreendedorismo, podemos considerar que existem vários tipos de empreendedorismo: o empreendedorismo por oportunidade, o empreendedorismo por necessidade ou ambos. Se considerarmos o empreendedorismo induzido pela necessidade podemos dizer que ele ocorre quando o indivíduo cria a sua empresa ou negócio à procura de auto emprego. Contudo, se a atividade empreendedora for induzida pela oportunidade, chegamos à conclusão que ela é geralmente levada a cabo por indivíduos que facilmente conseguem identificar novas oportunidades de negócio, estando esta habilidade dependente da criatividade e da capacidade de pensar de forma inovadora (Bruneau & Machado, 2006)

Segundo Naudé et al. (2014), nem todos os indivíduos devem optar pelo empreendedorismo. Daí que os decisores políticos deverão ter isto em consideração quando põem em prática políticas para maximizar o número de empreendedores. Este autor defende ainda que, até certo nível, um acréscimo do empreendedorismo, poderá ter consequências negativas nos níveis globais de felicidade. Esta opinião pode ser sustentada através da figura 2.1 que mostra uma relação negativa, bastante robusta, entre a taxa de população empreendedora e a sua respetiva satisfação com o trabalho.

Mediante a análise dos dados que serviram de suporte ao gráfico que é apresentado na figura 2.1 podemos concluir que, relativamente à população grega, aproximadamente 19% da população é constituída por empreendedores. Porém, também se conclui que estes são, os que têm um menor valor no índice de satisfação com o trabalho, quando comparados com o resto dos empreendedores dos restantes países europeus, analisados. Por outro lado, podemos observar que os empreendedores dinamarqueses são os que relatam maiores níveis de satisfação com o seu trabalho e que este grupo representa, somente, 2% (por aproximação) da população dinamarquesa.

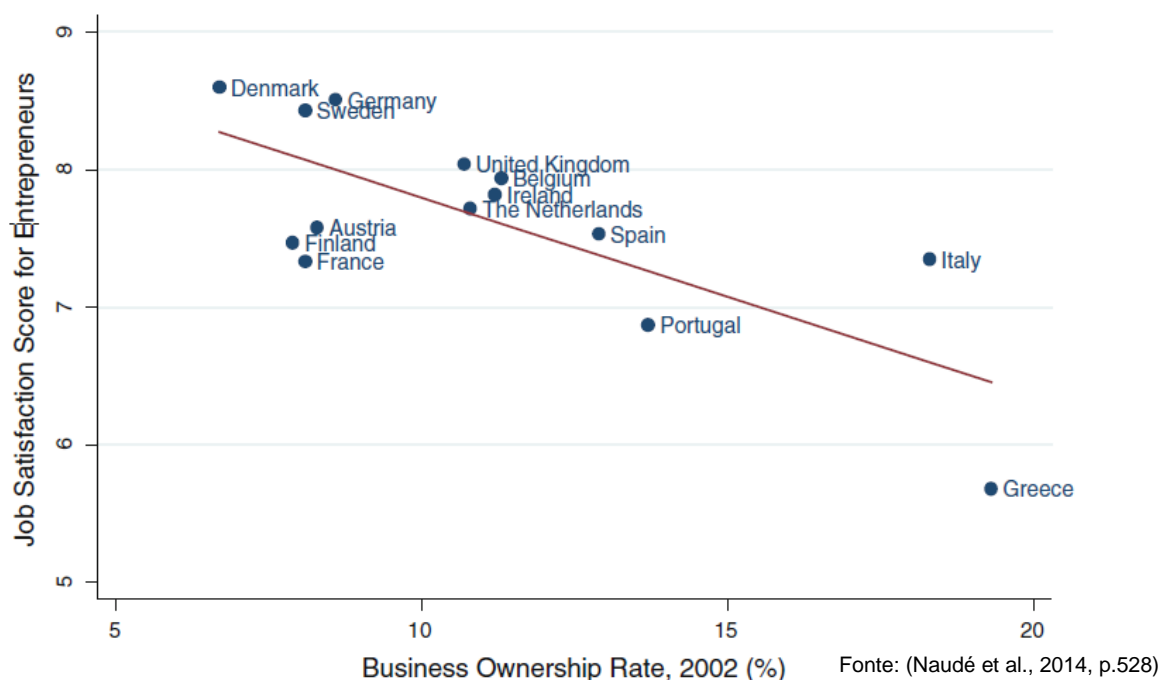


Gráfico 2.1: Rácio de empreendedores e a sua satisfação com o trabalho

Podemos assim inferir que, quanto maior for a proporção da atividade empreendedora dentro de um país, menor será o valor atribuído à satisfação com o trabalho/ felicidade desse grupo. Naudé et al. (2014) remete-nos para alguns enquadramentos que podem explicar esta relação negativa. Assim, podemos considerar que, nos países com elevada atividade empreendedora, grande parte da amostra, pode ser constituída por indivíduos que não escolheram adotar o empreendedorismo por livre escolha. Este empreendedorismo por necessidade, como já vimos antes, pode causar um decréscimo do bem-estar individual. Logo, o aumento deste tipo específico de empreendedorismo, poderá estar intimamente relacionado com a descida do nível médio de felicidade do grupo.

Outras das causas/efeitos na variação da felicidade deste grupo, está na base, das alterações das ambições do indivíduo. Podemos ainda e de acordo com Easterlin (1995), Frey e Stutzer (2002a) e Seligman (2002) considerar que as aspirações individuais são também muito importantes para o estudo da felicidade. Por exemplo, numa sociedade próspera, onde a riqueza material (oportunidades, rendimento, etc) cresce, também se observa um aumento do nível de aspirações individuais.

Tendo como premissa o *Paradoxo de Easterlin* verificamos que o aumento do nível de rendimento de todos os indivíduos, pertencentes a uma sociedade/grupo, pouco efeito desencadeará na felicidade global, reportada por este grupo. Isto acontece porque, um aumento do rendimento é, normalmente, acompanhado por um aumento das aspirações individuais.

Para a sociedade empreendedora estas aspirações são influenciadas, em grande parte, pelo empreendedorismo por oportunidade, ou seja, quantos mais forem os agentes movidos pela oportunidade e com sucesso empresarial, maior serão as aspirações deste grupo. Esta linha de pensamento é defendida por Naudé et al. (2014, p.529), que expõe que "(...) um acréscimo do

*número de empreendedores movidos pela oportunidade provoca um aumento da desigualdade da distribuição de rendimento e riqueza e, também, uma maior variabilidade da performance empresarial*”. Também, segundo este autor, à medida que os empreendedores menos bem-sucedidos tomam consciência da existência de empreendedores com elevadas taxas de sucesso (*superstars*), poderão, irrealisticamente, mudar de grupo de referência, no que concerne à felicidade.

Naudé et al. (2014) ao analisar o empreendedorismo por oportunidade conclui que, a partir de um certo limite, um acréscimo desse tipo de empreendedorismo poderá causar uma estagnação da felicidade ou até mesmo, diminuí-la. É também a partir desse limite que, as mais elevadas aspirações da maioria dos indivíduos fica muito aquém das suas realizações. Tal situação irá provocar sentimentos de insatisfação e os empreendedores, colocados nesta circunstância, revelarão níveis elevados de frustração, apesar do sucesso que conseguem conquistar com o seu trabalho (Stutzer 2004; Stutzer & Frey 2010).

Outro dos efeitos negativos do acréscimo do empreendedorismo por oportunidade é o clima de competição que se estabelece dentro da sociedade. Competição essa que, também se instala ao nível da satisfação das aspirações individuais. Num ambiente social, altamente, competitivo observa-se um acréscimo de sentimentos negativos tais como inveja e o medo. Evocando, Hill e Buss (2008), empreendedores mais competitivos podem experienciar, em maior escala, sentimentos negativos (inveja e medo) e consequentemente relatar níveis mais baixos de felicidade. Segundo Naudé et al. (2014), a probabilidade desta situação se verificar, é maior, quanto maior for o número de empreendedores por oportunidade, dentro de uma sociedade.

Para se poder analisar a relação existente entre empreendedorismo e a felicidade é fundamental fazer a distinção, entre empreendedores por necessidade e empreendedores por oportunidade. Ao encetar este processo e citando Binder e Coad (2013, p.1012), *“se não fizermos a diferenciação entre empreendedorismo por necessidade e por oportunidade, poderemos possuir um grupo de indivíduos bastante diferentes e então chegar a conclusões pouco robustas acerca da relação entre empreendedorismo e felicidade”*. Block e Koellinger (2009) também tiveram em consideração esta diferenciação e concluíram que os empreendedores por necessidade, em média, estavam menos satisfeitos com a sua *start-up* do que empreendedores por oportunidade. Uy, Foo e Song (2013) também se debruçaram sobre esta temática e analisaram 156 empreendedores na Manila (Filipinas), tendo concluído que a implementação de novas ideias por parte do empreendedor está associada a níveis maiores de felicidade. Estes autores, também concluem que este sentimento de felicidade é mais elevado nos empreendedores por oportunidade.

Por último, vamos introduzir o conceito de interdependência existente entre a felicidade dos indivíduos. Esta interdependência implica que, o aumento da felicidade de um indivíduo poderá afetar direta e negativamente a felicidade de um outro indivíduo. Tal é evidente quando, dentro de

uma sociedade, observamos situações de desigualdades sociais, sobretudo, a nível dos salários e da riqueza. Tais desigualdades contribuem negativamente para a média do bem-estar nacional (Bolle et al. 2009). Todavia e atendendo à interdependência enunciada, Naudé et al. (2014) alerta para que se deve ter cautela ao agregar os níveis de felicidade individual para obter o nível nacional de felicidade.

Com o objetivo de avaliar a influência que os dois tipos de empreendedorismo determinam na felicidade/bem-estar, de cada nação, procedemos à elaboração dos seguintes gráficos.

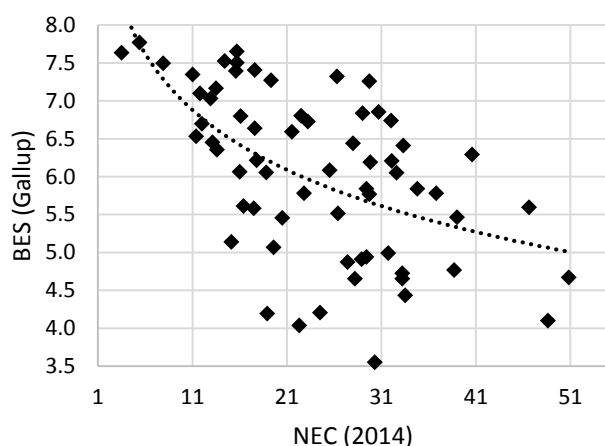


Gráfico 2.2: BES (Gallup) vs NEC (GEM) para 2014 (Fonte: elaboração própria)

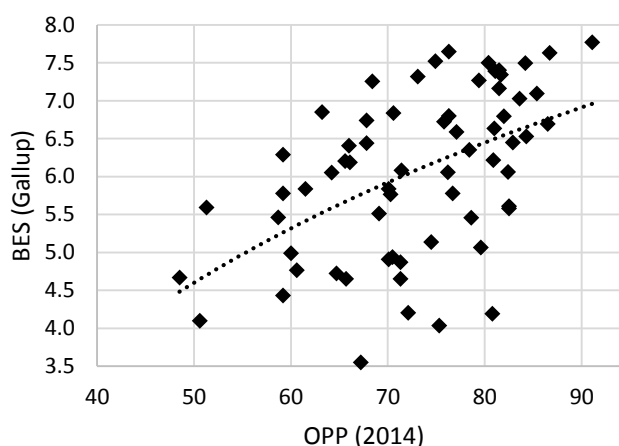


Gráfico 2.3: BES (Gallup) vs OPP (GEM) para 2014 (Fonte: elaboração própria)

Nos gráficos 2.2 e 2.3. procedeu-se ao cruzamento de dados de 65 países. O eixo vertical representa os dados de felicidade nacionais (BES) retirados da base de dados Gallup e no eixo horizontal estão identificadas as percentagens de empreendedorismo de acordo com os dados retirados do relatório do GEM de 2014.

O gráfico 2.2 faz o cruzamento dos dados de felicidade nacionais (BES) com os dados referentes ao empreendedorismo por necessidade (NEC) e o gráfico 2.3, relaciona os mesmos dados sobre BES com a percentagem de empreendedores movidos pela oportunidade (OPP). Face a estes dois gráficos, podemos verificar que os países com menos empreendedores por necessidade são aqueles que apresentam uma felicidade global maior, porém, à medida que esta percentagem cresce nota-se uma tendência para um decréscimo do bem-estar, das respetivas populações. Ao analisar o gráfico 2.3 verificamos que o empreendedorismo por oportunidade tem o efeito oposto ao anterior, ou seja, uma percentagem deste tipo de empreendedorismo proporciona um acréscimo da felicidade global. No anexo 1 apresentamos mais gráficos, onde os valores referentes ao BES foram retirados de outras fontes, nomeadamente da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – OCDE - (2014) e do Happy Planet Index – HPI - (2012) e que demonstram as mesmas tendências.

### 3 DADOS E METODOLOGIA

---

Face ao desafio que se enfrenta para elaborar um estudo, com as características já apresentadas, nomeadamente no que concerne à obtenção de dados empíricos credíveis, capazes de servirem de suporte para avaliar a dimensão subjetiva da felicidade, que é a variável dependente subjacente aos modelos que vamos utilizar, recorreu-se dados extraídos do World Values Survey (WVS).

Esta escolha deve-se não só à credibilidade atribuída a esta fonte, mas ainda ao facto de já ter sido usada em vários estudos empíricos orientados para estudar os aspetos que influenciam a felicidade dos indivíduos. Um destes estudos foi realizado por Corbi e Menezes-Filho (2006) que serve de suporte ao modelo econométrico que vamos aplicar na elaboração do presente estudo. Esta opção permitiu-nos ter, à partida, disponível uma base de dados à escala mundial sobre a perceção que cada indivíduo possui sobre uma grande variedade de questões, de carácter sociocultural, económico, político, de convicções e de valores.

Contudo, apesar desta vasta informação, gostaríamos de referir alguns aspetos e limitações que lhe podemos atribuir. Assim sendo, podemos considerar que:

1º O número de inquiridos por país é bastante limitado (embora esta situação não interfira com o nosso estudo, uma vez que nele nos focamos numa análise global e não numa comparação entre países);

2º Os métodos de recolha de dados diferem de país para país;

3º A percentagem de respostas, em alguns países, às questões inseridas no inquérito, é bastante reduzida.

Todavia, e apesar de todos estes aspetos e limitações, segundo Fleche et al. (2012), os dados da WVS não perdem consistência relativamente a outras fontes de dados, atualmente, disponíveis.

A variável dependente considerada no presente estudo foi a felicidade (HAPPINESS), a qual traduz a forma como cada indivíduo reporta a sua perceção de felicidade face à questão formulada no inquérito implementado pela WVS sobre esta temática. Neste contexto as questões colocadas aparecem, da seguinte como:

1 - Nada feliz; 2 - Pouco feliz; 3 – Feliz; 4 - Muito feliz

### 3.1 DESCRIÇÃO DOS MODELOS APLICADOS

Tendo em conta a forma como se estruturam os dados da variável dependente, que é de carácter qualitativo, discreta e quantificada de 1 a 4, os métodos mais utilizados para se proceder ao estudo empírico de variáveis com estas características são os denominados por: Logístico ordenado (*ologit*), probit ordenado (*oprobit*) e o logístico multinominal (*mlogit*). A diferença entre estes modelos consiste no facto de que os métodos ordenados respeitarem o ranking da variável dependente e o multinominal não. Uma vez que a variável dependente considerada – felicidade – se vai traduzir, também, num ranking (nada feliz, pouco feliz, feliz, muito feliz) optamos pelo modelo ordenado.

A escolha entre os dois métodos ordenados (*ologit* e *oprobit*) não é determinante para a obtenção do resultado final, por isso optámos pelo *probit* ordenado, sustentado, também, na decisão efetuada por vários investigadores desta área, como, por exemplo, o facto de ter sido o método utilizado no estudo realizado por Corbi e Menezes-Filho (2006).

O modelo *probit* ordenado é representado pela mesma função matemática do *probit* tradicional.

$$(1) \quad F_i^* = \alpha + \beta'X_i + \varepsilon_i$$

As variáveis que afetam a intensidade da felicidade reportada pelos entrevistados estão identificadas por  $X$  e temos um fator não-observado  $\varepsilon$ . Porém, no modelo ordenado do presente estudo, não é possível observar  $F$  através da equação numero 1, devido à estrutura dos dados da variável dependente. Ou seja, uma vez que só existem quatro respostas possíveis (1, 2, 3 e 4) os entrevistados terão que escolher aquela que se aproxima mais do seu próprio  $F^*$ .

Logo, pode-se observar  $F$  com a fórmula matemática expressa em (2) onde, os  $\mu$ s são os parâmetros que queremos estimar usando o  $\beta$ .

$$(2) \quad F = \begin{cases} 1, & \text{se } F^* \leq 0 \\ 2, & \text{se } 0 < F^* \leq \mu_1 \\ 3, & \text{se } \mu_1 < F^* \leq \mu_2 \\ 4, & \text{se } \mu_2 \leq F^* \end{cases}$$

Para o cálculo das probabilidades temos as seguintes equações:

$$(3) \quad Prob(y = 1) = \Phi(-\beta'X)$$

$$(4) \quad Prob(y = 2) = \Phi(\mu_1 - \beta'X) - \Phi(-\beta'X)$$

$$(5) \quad Prob(y = 3) = \Phi(\mu_2 - \beta'X) - \Phi(\mu_1 - \beta'X)$$

$$(6) \quad Prob(y = 4) = 1 - \Phi(\mu_2 - \beta'X)$$

Assume-se que a amostra detém média e variância iguais a um e  $\varepsilon$  é normalmente distribuído na amostra (Corbi e Menezes-Filho, 2006), logo as equações 3, 4, 5 e 6 permitem o cálculo da probabilidade de obter os vários valores contidos na variável dependente (1 = Nada feliz, 2 = Pouco feliz, 3 = Feliz, 4 = Muito feliz). Representando, graficamente a função das probabilidades - *log-likelihood* - do nosso modelo, obtém-se o gráfico 3.1.

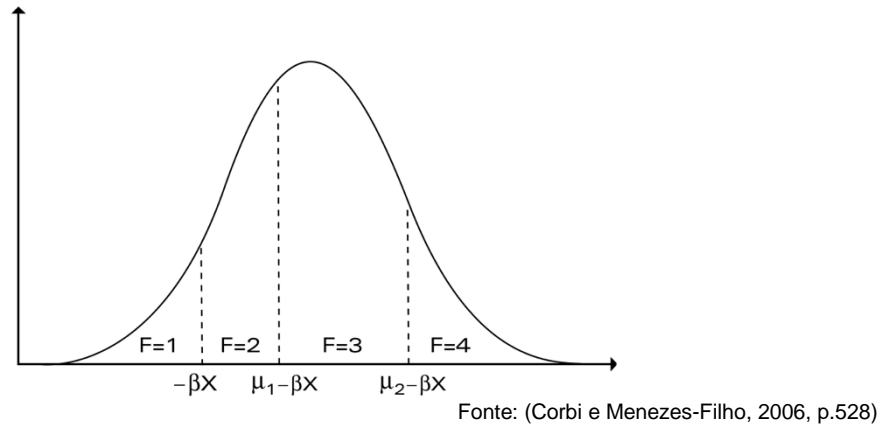


Gráfico 3.1: Função das probabilidades - *log-likelihood*

Para calcular as probabilidades marginais médias recorreremos ao comando *margins* (pela utilização do software STATA) que segundo Williams (2013) é o que proporciona o cálculo mais exato para modelos como o que utilizamos no presente estudo.

Após a implementação do modelo probit ordenado, no nosso estudo, verificamos que, ele não respeita a condição fundamental das “*propotional odds*”. Esta condição é imprescindível para garantir a fiabilidade da sua aplicação. Com o objetivo de contornar este problema recorreremos ao comando *gologit2* contemplado no software STATA utilizado para a obtenção dos resultados do presente estudo. Com a aplicação deste recurso consegue-se uma maior flexibilidade na aplicação da condição das “*propotional odds*” no modelo. Outra das vantagens do *gologit2* é proporcionar um output com informação mais parcimoniosa do que a que poderíamos obter através dos modelos tradicionais (*ologit*, *oprobit*, *mlogit*).

Este aspeto será particularizado no capítulo dedicado aos resultados. A seguir descreve-se o modelo utilizado com recurso ao *gologit*. Este modelo é definido por:

$$(7) \quad P(Y_i > j) = g(X\beta_j) = \frac{\exp(\alpha_i + X_i\beta_j)}{1 + \{\exp(\alpha_i + X_i\beta_j)\}}, \quad j = 1, 2, \dots, M - 1$$

Por  $M$  entende-se o número de categorias da variável dependente. Para obter as probabilidades temos as seguintes equações:



$$(8) \quad P(Y_i = 1) = 1 - g(X_i\beta_1)$$

$$(9) \quad P(Y_i = j) = g(X_i\beta_{j-1}) - g(X_i\beta_j), \quad j = 2, \dots, M - 1$$

$$(10) \quad P(Y_i = M) = g(X_i\beta_{M-1})$$

Neste modelo, se  $M$  for igual a 2, ele passa a ser equivalente ao modelo tradicional *logit*. Quando  $M$  é maior que 2, o *gologit* transforma-se num conjunto de regressões *logit* binárias, onde as categorias da variável dependente formam grupos. Para o nosso caso específico em que temos  $M = 4$  (1 = Nada feliz, 2 = Pouco feliz, 3 = Feliz, 4 = Muito feliz) o output produzido pelo *gologit* traduz-se em:

Se  $j = 1$ , temos uma categoria (1) versus um grupo de categorias (2, 3 e 4).

Se  $j = 2$ , temos um grupo de categorias (1 e 2) versus um grupo de categorias (3 e 4).

Se  $j = 3$ , temos um grupo de categorias (1, 2 e 3) versus uma categoria (4).

### 3.2 DESCRIÇÃO DOS DADOS E AMOSTRA

Tendo especificado os modelos pelos quais se optou, vamos agora descrever os dados utilizados e identificar as suas fontes. Para agilizar esta descrição elaboramos a tabela 3.1 que se segue. Nesta tabela estão representadas e descritas as variáveis e as respetivas fontes de onde foram retirados os dados. Para esta síntese alicerçamo-nos no estudo, realizado por Corbi e Menezes-Filho (2006), relativo aos determinantes empíricos da felicidade no Brasil.

Acresce ainda referir que tendo utilizado as mesmas variáveis e fontes do referido estudo, acrescentamos, com o objetivo de contribuir para o estudo desta temática, as seguintes variáveis: Estado de saúde reportado (HEALTHSTATE), percentagem de empreendedorismo por necessidade (NEC), empreendedorismo por oportunidade (OPP).

Ao acrescentar estas novas variáveis impõe-se, agora, descreve-las. Assim sendo, a variável denominada por HEALTHSTATE traduz-se nas respostas à pergunta, presente nos inquéritos do WVS: “Como descreve o seu estado de saúde?”. Esta variável nos nossos modelos irá revelar-se significativa para o nosso estudo. As outras duas (NEC e OPP) estão inseridas na temática do empreendedorismo. Evocando, novamente, o relatório do GEM diríamos que nele se recorre ao indicador “Taxa de Atividade Empreendedora Early-Stage (TEA)” que “(...)ilustra a proporção de indivíduos em idade adulta (entre os 18 e os 64 anos) que está envolvida num processo de start-up (negócio nascente) ou na gestão de negócios novos e em crescimento, em cada país participante”. Para além desta ferramenta de análise, o GEM (2013), disponibiliza também informação sobre a percentagem de pessoas envolvidas em Atividades Empreendedoras Early-Stage (TEA) que alegam ser conduzidas, para tal, por oportunidade (OPP) e outras por não ter outra opção de trabalho (NEC).

Tabela 3.1: Descrição das variáveis e fontes

Variável	Descrição	Autor	Fonte
<b>HAPPINESS</b>	Respostas à questão: No geral, classificaria a sua situação como?	I	1
<b>AGE</b>	Resposta à questão: Qual é a sua idade?	I	1
<b>MALE</b>	Resposta à questão: A que sexo pertence? (variável dummy 1=masculino)	I	1
<b>EDUCATION</b>	Respostas à questão: Qual o seu nível de educação?	I	1
(variável inicial)	Respostas à questão: Como situa o seu agregado familiar no que concerne a os salários, pensões e outros rendimentos.	I	1
<b>LOGINCOME *</b>	Variável composta pelo logaritmo dos valores da variável inicial	II	-
<b>HEALTHSTATE</b>	Respostas à questão: Como descreve o seu estado de saúde?	-	1
(variável inicial)	Respostas à questão: Qual o seu estado civil?	I	1
<b>LMARRIED *</b>	É casado ou vive como casado? (variável dummy 1=sim)	-	-
(variável inicial)	Resposta à questão: Qual a sua profissão?	I	1
<b>ENTREPRENEUR *</b>	É empreendedor/trabalhador por conta própria? (v. dummy 1=sim)	-	-
<b>FULLTIME *</b>	É trabalhador part-time por conta de outrem? (v. dummy 1=sim)	-	-
<b>PARTTIME *</b>	É trabalhador full-time por conta de outrem? (v. dummy 1=sim)	-	-
<b>NEC</b>	Percentagem de pessoas envolvidas em TEA que alegam ser conduzido por oportunidade em oposição a não ter encontrado outra opção de trabalho, indicando que o principal motivo para se envolver nesta oportunidade é ser independente ou aumentar o rendimento	III	2
<b>OPP</b>	Percentagem de pessoas envolvidas em TEA que estão envolvidas em empreendedorismo por não terem outra opção de trabalho	III	2

I - Corbi e Menezes-Filho (2006); II - Fleche et al. (2012); III – Naudé et al. (2014); 1 – World Values Survey (2011-14); 2 – Global Entrepreneurship Monitor (2011-14)

Com o objetivo de incluir estas novas variáveis, procedemos a um teste Wald (Bruin, 2006) de maneira a verificar se a sua adição conduz a um modelo melhor. Baseando-nos no *p-value* gerado pelo teste (0.0000) podemos rejeitar a hipótese de que as variáveis são iguais a zero quando adicionadas ao modelo, logo, temos a prova que da sua inclusão resultará uma melhoria, estatisticamente, significativa para o nosso modelo.

No intuito de explicitar a Tabela 3.1 é necessário esclarecer que certas variáveis (as marcadas com \*) foram sujeitas a uma recodificação de maneira a favorecer uma melhor representação nos nossos modelos. Entre elas temos o LOGINCOME que segundo Sacks, Stevenson e Wolfers (2010) “existe uma relação robusta entre o logaritmo do rendimento e a satisfação com a vida, quer a nível individual e a nível nacional”. A variável LMARRIED resulta do agrupamento das respostas dadas sobre o estado civil. Assim passamos a ter apenas dois grupos: os casados e não casados.

Por último temos a variável que representam a situação profissional, também ela sujeita a um desdobramento, neste caso em três variáveis *dummies*: ENTREPRENEUR (trabalhador por conta própria), FULLTIME (trabalhador por conta de outrem em full-time) e PARTTIME (trabalhador por conta de outrem em part-time). Neste âmbito temos, ainda, a considerar a variável desempregados (UNEMPLOYED) que foi omissa devido à situação de colinearidade perfeita.

Em seguida, elaborámos a tabela 3.2 na qual se procede à descrição dos dados contemplados em cada uma das nossas variáveis, bem como, as respetivas frequências. Contudo, não foram contempladas nessa tabela (3.2) as variáveis: idade, percentagem de empreendedorismo por necessidade e percentagem de empreendedorismo por oportunidade, uma vez que não se enquadram neste tipo de descrição.

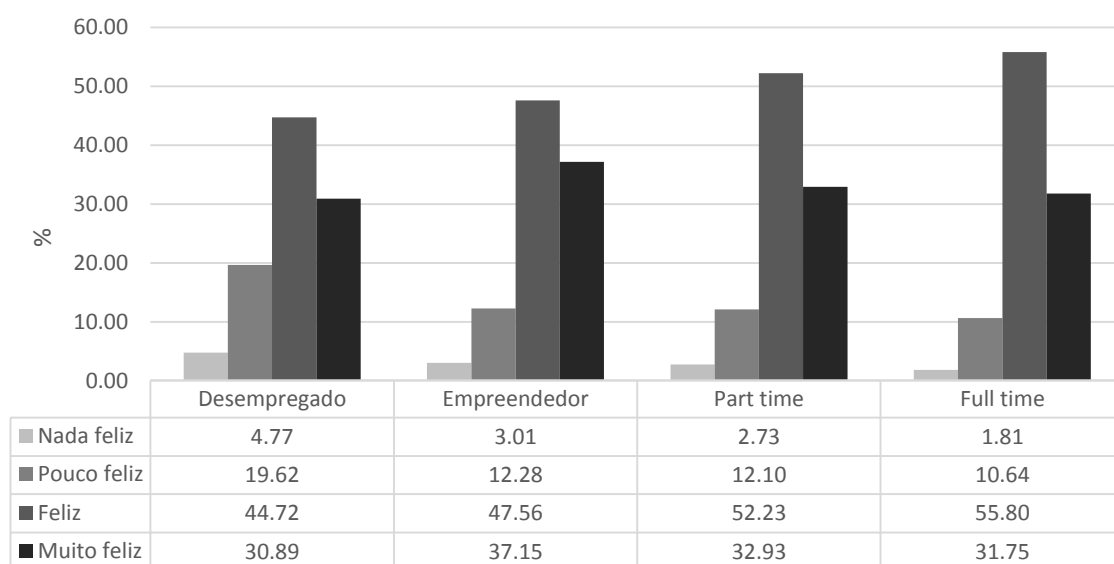
*Tabela 3.2: Descrição dos dados*

Variável	Sem variáveis de empreendedorismo		Com variáveis de empreendedorismo	
	Nº de observações	Percentagem	Nº de observações	Percentagem
HAPPINESS				
Nada feliz	1334	2,61	508	1.79
Pouco feliz	6385	12,48	3324	11.68
Feliz	26644	52,08	14705	51.69
Muito feliz	16792	32,83	9912	34.84
MALE				
Feminino	21884	42,78	12314	43.28
Masculino	29271	57,22	16135	56.72
EDUCATION				
Sem formação	1916	3,75	659	2.32
Primária incompleta	2328	4,55	1262	4.44
Primária completa	4946	9,67	3592	12.63
Secundária incompleta	3515	6,87	1926	6.77
Secundária completa	10443	20,41	5817	20.45
Secundária incompleta +	3720	7,27	2149	7.55
Secundária completa +	9414	18,4	5684	19.98
Universidade sem diploma	3846	7,52	1978	6.95
Universidade com diploma	11027	21,56	5382	18.92
LOGINCOME				
1º escalão	3568	6,97	2218	7.8
2º escalão	3238	6,33	2047	7.2
3º escalão	5628	11	3254	11.44
4º escalão	6985	13,65	4008	14.09
5º escalão	11060	21,62	6008	21.12
6º escalão	8269	16,16	4483	15.76
7º escalão	6610	12,92	3461	12.17
8º escalão	3810	7,45	1982	6.97
9º escalão	1137	2,22	578	2.03
10º escalão	850	1,66	410	1.44
HEALTHSTATUS				
Fraco	1899	3,71	975	3.43
Razoável	10842	21,19	5725	20.12
Bom	23836	46,6	13782	48.44
Muito Bom	14578	28,5	7967	28
LMARRIED				
Divorciado/Separado/Viúvo/Solteiro	18129	35,44	10282	36.14
Casado ou a viver como casado	33026	64,56	18167	63.86
ENTREPRENUER FULLTIME PARTTIME UNEMPLOY				
Trabalhador por conta própria	9701	18,96	5078	17.85
Trabalhador por conta de outrem (Full-time)	26282	51,38	15309	53.81
Trabalhador por conta de outrem (Part-time)	7716	15,08	3,838	13.49
Desempregado	7456	14,58	4224	14.85
Total	51155*		28449**	

(\*) Contempla indivíduos de 59 países (anexo 2); (\*\*) Contempla indivíduos de 30 países (anexo 2)

O grupo de amostra no qual sustentamos este estudo (baseado no WVS) é constituído por 51155 indivíduos e nele constam apenas, pessoas que, à data, se encontravam a trabalhar ou estavam desempregadas. Todavia, uma vez que a WVS nos fornece dados de um leque de países superior àquele que o GEM utiliza, e uma vez que optámos por englobar as variáveis relativas ao empreendedorismo (NEC e OPP), variáveis essas contempladas no GEM, a nossa amostra resultante deste procedimento passou a ser representada por 28449 indivíduos.

Quanto à tabela 3.2 é importante registar que 84,91% dos inquiridos referiu deter níveis de felicidade positivos (feliz e muito feliz). No campo da situação profissional, o resultado obtido identifica um valor de 18,96%, relativamente à situação de trabalhadores, a funcionar por conta própria. Nestes dois campos observados, identifica-se uma disparidade o que poderá influenciar a análise final dos dados, sobretudo relativamente ao objetivo do nosso estudo, que é, analisar de que forma a situação profissional dos indivíduos influencia os respetivos níveis de felicidade. Com o propósito de relacionar estes dois dados, apresenta-se a gráfico 3.2.



Fonte: Elaboração própria

*Gráfico 3.2: Felicidade reportada por situação de trabalho*

Procedendo à análise do gráfico 3.2, podemos expor o seguinte:

- O grupo dos desempregados mencionou estar nada feliz ou pouco feliz, numa percentagem conjunta com um valor de 24.39 %.
- No setor dos trabalhadores por conta de outrem, os que reportaram deter níveis de felicidade positivos (Feliz e Muito feliz) perfazem um total de 87,55%.
- No que concerne ao grupo dos empreendedores temos 84,71% de indivíduos que, também, se identificam com níveis de felicidade positivos (Feliz e Muito feliz).

Podemos então inferir que, no global, os trabalhadores por conta de outrem reportaram níveis de felicidade com uma maior percentagem do que os que se encontram na qualidade de empreendedores, patenteando uma diferença de 2,84 pontos percentuais. Contudo, o grupo dos empreendedores foi o que declarou estar “muito feliz”, em maior percentagem (37.15%), o que representa mais 5,4 pontos percentuais do que é referido pelos trabalhadores em full-time. Reportando-nos aos valores respeitantes aos trabalhadores em part-time verifica-se que estes se situam entre, os valores dos empreendedores e os valores obtidos pelo grupo dos trabalhadores em full-time.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de completar as ilações decorrentes da análise da nossa base de dados iremos agora proceder à apresentação dos procedimentos adotados e à análise e discussão dos resultados obtidos pela aplicação de três dos modelos utilizados.

### 4.1 MODELOS EXPLICATIVOS

O modelo 1 (apresentado no subcapítulo 4.2) é basicamente, uma aplicação do modelo econométrico presente no trabalho de Corbi e Menezes-Filho (2006), embora com alguns ajustes, que nos parecem significativos para o objetivo do presente estudo. Uma delas, como já foi referido na descrição das variáveis a utilizar, consiste na recodificação das variáveis que representam o rendimento individual (LOGINCOME), o estado civil (LMARRIED) e a situação profissional. Outro ajuste reporta-se à inclusão da variável HEALTHSTATE que pretende quantificar o nível atribuído ao item saúde.

Os modelos 2 e 3 incorporam, para além das mudanças referidas anteriormente, as variáveis do empreendedorismo por necessidade (NEC) e empreendedorismo por oportunidade (OPP), respetivamente.

Nas tabelas 4.1 e 4.2, que apresentamos em seguida, é elaborado o sumário de todas as variáveis presentes no nosso estudo. Nelas estão contempladas as duas dimensões, já enunciadas no subcapítulo 3.2, a primeira contém 51155 observações e a segunda 28449 observações devido à inclusão das variáveis relativas ao empreendedorismo (OPP e NEC).

*Tabela 4.1: Sumário das variáveis (sem variáveis empreendedorismo)*

Variáveis	Número de observações (Frequência)	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
HAPPINESS	51155	3,151285	,7311003	1	4
AGEc *	51155	-2,818663	12,93266	-25,09281	55,90719
AGE2c *	51155	175,1954	193,1167	,0086137	3125,614
MALE	51155	,5722021	,4947642	0	1
EDUCATION	51155	4,636204	2,727414	1	9
LOGINCOME	51155	1,485049	,5531475	0	2,302585
HEALTHSTATE	51155	2,998788	,8033817	1	4
LMARRIED	51155	,6456065	,4783338	0	1
SELFEMPLOY	51155	,1896393	,3920195	0	1
FULLTIME	51155	,5137719	,4998152	0	1
PARTTIME	51155	,1508357	,3578922	0	1

(\*) Variáveis centradas devido à existência de colinearidade

Tabela 4.2: Sumário das variáveis (com variáveis empreendedorismo)

Variáveis	Número de	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
HAPPINESS	28449	3.195859	.7059294	1	4
AGEc *	28449	-1.990416	13.08226	-25.09281	50.90719
AGE2c *	28449	175.1012	195.0152	.0086137	2591.542
MALE	28449	.5671553	.4954784	0	1
EDUCATION	28449	5.894478	2.251681	1	9
LOGINCOME	28449	1.452504	.5682873	0	2.302585
HEALTHSTATE	28449	3.010264	.7863117	1	4
LMARRIED	28449	.6385813	.48042	0	1
SELFEMPLOY	28449	.1784949	.3829355	0	1
FULLTIME	28449	.5381208	.4985534	0	1
PARTTIME	28449	.1349081	.3416314	0	1
NECc *	28449	2,59e-06	10,60499	-18,85614	28,04386
NEC2c *	28449	112,4619	144,2359	,890871	786,4581
OPPc *	28449	-,0154644	13,02174	-38,58378	22,21622
OPP2c *	28449	169,5599	252,7967	,1472871	1488,708

(\*) Variáveis centradas devido à existência de colinearidade

Tendo por base os procedimentos adotados por Corbi e Menezes-Filho (2006) adicionámos ao modelo a variável (AGEc – idade do indivíduo), elevada ao quadrado (AGE2c), por entendermos ser pertinente controlar o nível de significância da variável. Relativamente às variáveis do empreendedorismo procedemos de forma análoga, dando origem às variáveis NEC2c e OPP2c. Procedimento este que se fundamenta no estudo realizado por Naudé et al. (2014), mediante o qual os autores concluíram que as variáveis referentes ao empreendedorismo, a partir de um valor limite, mudam de sinal.

Com a implementação dos procedimentos supramencionados surgiram problemas de multicolinearidade entre as variáveis. Com o objetivo de a eliminar, procedeu-se à centralização das mesmas. Gostaríamos ainda de expor que esta medida, sem nada afetar a significância do nosso modelo, é um procedimento crucial, do ponto de vista estatístico. Na tabela 4.3 apresenta-se a correlação entre as variáveis a incluir nos nossos modelos.

Tabela 4.3: Correlações entre as variáveis

Numero	Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	HAPPINESS	1														
2	AGEc	-0.05	1													
3	AGE2c	0.03	0.04	1												
4	MALE	0.00	0.01	0.03	1											
5	LOGINCOME	0.17	-0.07	-0.05	0.00	1										
6	EDUCATION	0.03	-0.12	-0.08	-0.03	0.25	1									
7	HEALTHSTATE	0.36	-0.21	0.00	0.03	0.17	0.09	1								
8	LMARRIED	0.08	0.27	-0.22	0.05	0.05	-0.05	-0.03	1							
9	ENTREPRENEUR	0.05	0.11	0.01	0.04	-0.04	-0.17	-0.01	0.08	1						
10	FULLTIME	0.04	-0.02	-0.14	0.07	0.18	0.22	0.05	0.06	-0.50	1					
11	PARTTIME	0.01	0.02	0.06	-0.11	-0.04	-0.04	-0.01	0.00	-0.18	-0.43	1				
12	NECc	-0.13	-0.03	0.00	0.05	-0.05	0.02	-0.10	0.05	0.02	-0.06	-0.01	1			
13	NEC2c	0.02	0.04	0.00	0.06	-0.02	0.05	-0.04	0.07	-0.01	-0.01	0.03	0.23	1		
14	OPPc	0.06	0.09	0.00	-0.02	-0.02	0.02	-0.01	0.05	0.11	-0.03	0.03	-0.39	-0.10	1	
15	OPP2c	0.02	-0.01	0.00	-0.01	0.02	-0.10	0.07	-0.03	-0.02	-0.02	0.02	-0.11	0.20	-0.35	1

## 4.2 RESULTADOS EMPÍRICOS

Em seguida vamos proceder à apresentação dos resultados da aplicação de três dos modelos utilizados (tabela 4.4).

Tabela 4.4: Resultados dos modelos ordenados Probit (*oprobit*)

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
<b>AGEc</b>	-0.0001913 (0.0004201)	-0.00196 *** (0.0005631)	-0.0015668 *** (0.0005623)
<b>AGE2c</b>	0.0003352 *** (0.0000274)	0.0003989 *** (0.0000366)	0.0003936 *** (0.0000365)
<b>MALE</b>	-0.0900213 *** (0.0102529)	-0.045477 *** (0.013873)	-0.0473637 *** (0.0138155)
<b>LOGINCOME</b>	0.220463 *** (0.0096021)	0.2011001 *** (0.0126235)	0.2071367 *** (0.0126063)
<b>EDUCATION</b>	0.0016515 (0.0023125)	-0.0100182 *** (0.0032122)	-0.011523 *** (0.0032206)
<b>HEALTHSTATE</b>	0.5425753 *** (0.0067332)	0.5262813 *** (0.0092914)	0.5347765 *** (0.0092737)
<b>LMARRIED</b>	0.238227 *** (0.0114143)	0.2311121 *** (0.0152942)	0.2164413 *** (0.0152113)
<b>ENTREPRENEUR</b>	0.1507362 *** (0.0178257)	0.3237942 *** (0.0243878)	0.3048484 *** (0.0245476)
<b>FULLTIME</b>	0.0962217 *** (0.0154742)	0.1981785 *** (0.0206569)	0.2118275 *** (0.0206173)
<b>PARTTIME</b>	0.0943433 *** (0.0185581)	0.235128 *** (0.0257079)	0.2414931 *** (0.0257239)
<b>NECc</b>		-0.0122981 *** (0.0006742)	
<b>NEC2c</b>		0.0004876 *** (0.0000488)	
<b>OPPc</b>			0.0054614 *** (0.0005669)
<b>OPP2c</b>			0.0000836 *** (0.0000289)
/cut1	0.0386127	-0.1188008	-0.1294259
/cut2	1.066206	1.023597	1.009248
/cut3	2.717321	2.705403	2.680013
Nº Observações	51155	28449	28449
Prob > chi2	0.0000	0.0000	0.0000
Pseudo R2	0.0827	0.0888	0.0841

(\*\*\* - significância a 1%)

Pela análise dos resultados aos três modelos *probit*, que constam na tabela 4.4, observa-se que todos os modelos detêm uma probabilidade de obter um *chi-square* estatístico inferior a 0.000 o que, segundo a literatura, significa que os modelos são estatisticamente significantes. Regista-se também o facto do *pseudo R* quadrado ser relativamente pequeno. Porém, como a sua interpretação não é a mesma que se produz nos modelos OLS (proporção da variação da variável



dependente que é explicada pelas variáveis explicativas), com o objetivo de evitar erros, optamos por não proceder à sua interpretação (Bruin, 2006).

Nos três modelos, todos os coeficientes das variáveis, se apresentam estatisticamente, significativos (para um nível de significância de 1%). Excetuam-se as variáveis AGEc e EDUCATION que, no modelo 1, não detêm significância estatística a qualquer nível.

Por estarmos a utilizar os modelos *probit*, sabemos que para cada variável explicativa o modelo estima um coeficiente. Coeficientes positivos representam um aumento da probabilidade de obter valores superiores na variável dependente quando, os valores da variável explicativa aumentam. No caso dos coeficientes negativos, eles representam um aumento da probabilidade de obter valores superiores na variável dependente quando, os valores da variável explicativa diminuem. A título de resumo apresentamos a tabela 4.5 que expõe o efeito das variações das variáveis independentes.

*Tabela 4.5: Efeito das variações das variáveis independentes*

Variável	Sinal do coeficiente	Interpretação: A probabilidade de reportar níveis maiores de felicidade aumenta:
<b>AGEc</b>	-	Quanto menor for a idade do indivíduo (interpretação só para os modelos 2 e 3)
<b>AGE2c</b>	+	Quanto maior for a idade do indivíduo e a partir de uma certa idade (a partir de um certo valor limite)
<b>MALE</b>	-	Quando o indivíduo é do sexo feminino
<b>LOGINCOME</b>	+	Quanto maior for o escalão de rendimento do indivíduo.
<b>EDUCATION</b>	-	Quanto menor for o grau de escolaridade do indivíduo (interpretação só para os modelos 2 e 3)
<b>HEALTHSTATE</b>	+	Quanto melhor for o estado de saúde reportada do indivíduo
<b>LMARRIED</b>	+	Quando o estado civil do indivíduo é de casado
<b>ENTREPRENEUR</b>	+	Quando o indivíduo trabalha por conta própria
<b>FULLTIME</b>	+	Quando o indivíduo trabalha em full-time por conta de outrem
<b>PARTTIME</b>	+	Quando o indivíduo trabalha em part-time por conta de outrem
<b>NECc</b>	-	Quando a percentagem nacional de, empreendedorismo por necessidade, desce.
<b>NEC2c</b>	+	Quando a percentagem nacional de, empreendedorismo por necessidade sobe (a partir de um certo valor limite)
<b>OPPc</b>	+	Quando a percentagem nacional de, empreendedorismo por oportunidade, sobe.
<b>OPP2c</b>	+	Quando a percentagem nacional de, empreendedorismo por oportunidade, sobe.

Aprofundando a vertente do empreendedorismo nacional, nos modelos aplicados, podemos inferir dos resultados o seguinte:

As variáveis relativas ao empreendedorismo por necessidade e oportunidade apresentam-se estatisticamente significativas nos modelos 2 e 3, respetivamente. Através dos resultados obtidos podemos ainda concluir que um acréscimo do empreendedorismo por necessidade produz uma redução da probabilidade dos indivíduos reportarem níveis maiores de felicidade. Contudo, tal como Naudé et al. (2014) conclui no seu estudo, a partir de uma certa percentagem de empreendedores por necessidade, o efeito é oposto, ou seja, passa a existir uma evidência estatística de que, quanto maior for o empreendedorismo por necessidade maior será a probabilidade das pessoas reportarem também, níveis mais elevados de felicidade.

No que concerne aos resultados referentes ao empreendedorismo por oportunidade eles mantêm-se constantes, ou seja, não existe evidência estatística da existência de mudanças de efeito. Face a esse contexto, concluímos que o aumento do empreendedorismo por oportunidade é acompanhado por um acréscimo na probabilidade dos indivíduos reportarem níveis maiores de felicidade.

Reiteraremos, mais uma vez, que a variável referente aos desempregados (UNEMPLOYED) é omitida nos modelos aplicados, devido à situação de colinearidade existente entre as variáveis que representam a situação profissional. Tendo isso em linha de conta, o modelo faz a comparação de cada situação profissional com a variável omissa (UNEMPLOYED). Logo, como era de prever, os coeficientes das variáveis ENTREPRENEUR, FULLTIME e PARTTIME são positivas, transmitindo a informação de que um indivíduo com trabalho tem maior probabilidade de reportar níveis de felicidade maiores. Com o objetivo de atribuir um valor à probabilidade que cada indivíduo possui, de reportar os vários níveis de felicidade de acordo com a sua situação profissional, recorreremos ao cálculo dos efeitos marginais médios (*marginal effects at the mean*).

Na tabela 4.6 apresentamos o resultado desses cálculos:

Tabela 4.6: Probabilidades dos efeitos marginais médios

	Nada feliz	Pouco feliz	Feliz	Muito feliz	Feliz e Muito feliz
Modelo 1					
ENTREPRENEUR	1.07%	9.06%	54.56%	<b>35.31%</b>	<b>89.87%</b>
FULLTIME	<b>1.30%</b>	<b>10.23%</b>	<b>55.92%</b>	32.55%	88.47%
PARTTIME	1.19%	9.70%	55.34%	33.76%	89.10%
Modelo 2					
ENTREPRENEUR	0.40%	6.20%	50.37%	<b>43.03%</b>	<b>93.40%</b>
FULLTIME	<b>0.67%</b>	<b>8.48%</b>	<b>54.54%</b>	36.32%	90.85%
PARTTIME	0.49%	6.96%	51.97%	40.59%	92.56%
Modelo 3					
ENTREPRENEUR	0.44%	6.47%	50.56%	<b>42.53%</b>	<b>93.09%</b>
FULLTIME	<b>0.68%</b>	<b>8.50%</b>	<b>54.16%</b>	36.66%	90.82%
PARTTIME	0.49%	6.99%	51.61%	40.91%	92.52%

Mediante a tabela 4.6, podemos quantificar a probabilidade do indivíduo reportar os diferentes níveis de felicidade, dado o seu estatuto profissional. Todavia, é de notar que estas probabilidades só se verificam quando, as outras variáveis explicativas, não sofrem alterações. Por exemplo, se no nosso modelo 1, inquirirmos um indivíduo (A) que seja empreendedor, existe uma probabilidade de 35.31% dele responder que é  *muito feliz* e se, inquirirmos um indivíduo (B) que trabalha full-time por conta de outrem existe uma probabilidade de 32.55% dele também reportar o mesmo grau de felicidade do indivíduo A. Contudo, só podemos interpretar as probabilidades desta forma se, os indivíduos A e B forem cumulativamente, do sexo masculino (MALE), tiverem a mesma idade (AGEc), forem casados (LMARRIED) e deterem os mesmos níveis de rendimento, educação e saúde (LOGINCOME, EDUCATION e HEALTHSTATE), ou seja, *ceteris paribus*. Constatamos ainda, através da tabela 4.6, que no grupo de indivíduos que se apresentam como trabalhadores, os empreendedores são os que detêm maior probabilidade de reportar estarem  *muito felizes*, contudo também são os que apresentam menor probabilidade de se reportarem como  *felizes*, *ceteris paribus*. Porém se agruparmos estas duas probabilidades (estar  *feliz* ou  *muito feliz*), este grupo de indivíduos são os que atingem um valor superior relativamente aos outros grupos.

### 4.3 MODELO LOGIT

Como referimos no capítulo da metodologia, utilizamos a ferramenta *gologit2* do software estatístico STATA para a estimação dos coeficientes das variáveis independentes, situação essa necessária para sustentar os resultados obtidos nos nossos modelos *probit*. Esta necessidade decorre do fato dos nossos modelos *probit* não respeitarem a condição necessária das “*propotional odds*”. Como verificamos na análise dos dados e dos efeitos marginais, a probabilidade dos trabalhadores reportarem níveis maiores de felicidade cresce até ao valor 3 (Feliz - na nossa variável felicidade), após esse valor, a probabilidade do indivíduo responder estar muito feliz (valor 4 na nossa variável felicidade) é inferior. Comprovamos, através desta observação, que o modelo não respeita a suposição das “*propotional odds*”. No STATA recorremos o comando *brant* que nos confirmou esta situação. Face a este contexto e segundo Bruin (2006), a única opção é recorrer à estimação do modelo logístico ordenado generalizado (generalized ordered logistic) através do comando *gologit2* no software STATA. Com este recurso, o modelo aplica somente em certas variáveis a condição das “*propotional odds*”

Como grande vantagem este modelo proporciona um output com uma informação mais detalhada, do que a que poderíamos obter através dos modelos tradicionais (*logit*, *probit*), para não alongar demasiado esta exposição, optou-se por apresentar estes outputs em anexo (anexo 3). Gostaríamos ainda, de referir que os resultados produzidos pelo *gologit2* são semelhantes aos produzidos pelos nossos modelos *probit*, logo, a interpretação dos efeitos das nossas variáveis explicativas não sofre alteração.

## 5 CONCLUSÕES

---

A revisão da literatura permitiu constatar que, em contexto económico, tanto a felicidade individual como a temática do empreendedorismo são essenciais para a definição de políticas económicas. Sobretudo, devido ao facto de ambos poderem deter mais importância para o desenvolvimento individual e social do que, eventuais aumentos do PIB. Paralelamente, verificou-se também que existe uma relação estreita entre o empreendedorismo e a felicidade individual. Por último gostaríamos ainda de referir que este trabalho empírico, uma vez que permite estabelecer uma relação estreita entre estas duas temáticas, traduz-se numa contribuição importante para esta, mesma, literatura.

Tendo tido sempre subjacente a pergunta de partida que norteou o nosso trabalho “Que tipo de relação e dinâmica se estabelece entre o empreendedorismo e o bem-estar subjetivo?”, ao debruçarmo-nos sobre os resultados empíricos gerados pelo nosso estudo, podemos concluir, tal como Corbi e Menezes-Filho (2006), que indivíduos com maior rendimento detêm maior probabilidade de serem felizes, bem como aqueles que são casados e/ou são do sexo feminino e ainda aqueles que possuam o estatuto de trabalhador. A variável que representa o nível de saúde reportado pelos indivíduos apresenta-se positivamente correlacionada com a felicidade individual. O grau de educação e a idade do indivíduo não se revelaram significativos, para deles estabelecer conclusões devido à incoerência das evidências estatísticas.

Tendo como principal enfoque a temática do empreendedorismo podemos afirmar, tal com Binder e Coad (2013), Blanchflower e Oswald (1998), Craig et al. (2007) e a fonte do Global Entrepreneurship Monitor (2013), que os empreendedores são aqueles que detêm maior probabilidade de serem felizes em comparação com os trabalhadores por conta de outrem. São também os empreendedores que têm mais tendência para reportar o nível mais elevado de felicidade (muito feliz).

Quanto ao aspeto macroeconómico do empreendedorismo, tal como Naudé et al. (2014), concluímos que o aumento de empreendedorismo por oportunidade tem um efeito positivo na felicidade nacional, ao contrário do empreendedorismo por necessidade que provoca um decréscimo da felicidade global.

A título de balanço final gostaríamos de referir que no estudo econométrico que realizamos está presente uma amostra com maior amplitude comparativamente ao estudo de Corbi e Menezes-Filho (2006), o qual se baseia apenas em informação recolhida em cinco países. Logo, entendemos que o nosso trabalho não só atingiu o objetivo a que se propôs, mas também se constitui, a partir deste momento, como uma base de trabalho para novas e mais elaboradas conquistas nesta área, atendendo ao contributo estatístico e econométrico que dele emerge.

Consideramos que, as conclusões a que chegamos nesta investigação se constituem como uma mais-valia para o estabelecimento de futuros trabalhos enquadrados neste âmbito. Acreditamos ainda que um estudo empírico semelhante a este, poderia vir a ser apresentado posteriormente, por país, de forma a poder analisar e a quantificar o impacto que as variáveis referentes ao empreendedorismo têm, nas respetivas sociedades. Em segundo lugar seria também relevante analisar, com mais pormenor, o impacto que o estado de saúde individual reportado (HEALTHSTATE) tem na felicidade individual, visto que, esta variável se representa estatisticamente significativa neste trabalho. Por último e com o intuito de obter um modelo econométrico mais robusto, poder-se-ia proceder à inclusão de um maior número de variáveis explicativas da felicidade.

## 6 BIBLIOGRAFIA:

---

- Albuquerque, A. S., Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de Uma Escala de Bem-Estar Subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 20 n. 2, 153-164
- Andersson, P. (2008). Happiness and health: Well-being among the self-employed. *Journal of Socio-Economics*, Vol. 37 n.1, 213–236
- Binder, M., Coad, A. (2013) "Life Satisfaction and Self-employment: A Matching Approach", *Small Business Economics*, vol. 40 n. 4, 2013, 1009-1033.
- Blanchflower, D. G. (2004). Self-employment: More may not be better. *NBER working paper* no. 10286. Cambridge, MA: The National Bureau for Economic Research.
- Blanchflower, D., Oswald, A. (1998). What makes an entrepreneur?. *Journal of labor Economics*, Vol. 16 n. 1, 26–60.
- Block, J., Koellinger, P. (2009). I can't get no satisfaction—Necessity entrepreneurship and procedural utility. *Kyklos*, Vol. 62 n. 2, 191–209.
- Bolle, F., Okhrin, Y., Vogel, C. (2009). A note on interdependent happiness. *The Journal of Socio-Economics*, Vol. 38 n. 5, 713–721.
- Booth, P. (2012) Well-being and the role of government - can government policy make us happier? *Institute of economic affairs* Vol. 64, n. 1, 1-245
- Bruin, J. (2006). Newtest: command to compute new test. *UCLA: Statistical Consulting Group*. Disponível em Statistical Consulting Group: <http://www.ats.ucla.edu/stat/stata/ado/analysis/>
- Bruneau, J., Machado, H. V. (2006). Empreendedorismo nos países da América Latina Baseado nos indicadores do Global Entrepreneurship Monitor (GEM). Working paper *Universidad Talca*
- Clark, A.E., Oswald, A.J., (1994). Unhappiness and unemployment. *Economic Journal* Vol. 104 n. 424, 648–659.
- Cooper, A. C., Artz, K. W. (1995). Determinants of satisfaction for entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, Vol. 10 n. 6, 439–457.
- Corbi, R., Menezes-Filho, N. A. (2006). Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. *Revista de Economia Política*, Vol. 26 nº4, 518-536
- Craig, J. B., Schaper, M., Dibrell, C. (2007). Life in small business in Australia: Evidence from the HILDA Survey. *hilda conference 2007 proceedings*.
- Di Tella, R., MacCulloch, R.J., Oswald, A.J. (2001). Preferences over inflation and unemployment: evidence from surveys of happiness. *American Economic Review* Vol. 91 n. 1, 335–341.
- Diener, E., Biswas-Diener, R. (2008). *Happiness: Unlocking the mysteries of psychological wealth*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Dolan P., T. Peasgood and M. White (2008), "Do we really know what makes us happy? A review of the economic literature on the factors associated with subjective well-being", *Journal of Economic Psychology*, Vol. 29 n. 1, 94-122.
- Dornelas, J. c. A. (2001). *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus
- Easterlin, R.A. (1974). Does economic growth improve the human lot? In: *Nations and Households in Economic Growth: Essays in Honour of Moses Abramowitz*. ed. P. A. David and M. W. Reder, 89– 125. New York: Academic Press
- Easterlin, R.A. (1995). Will raising the incomes of all increase the happiness of all? *Journal of Economic Behaviour and Organization* Vol. 27 n. 1, 35–48.
- Easterlin, R.A. (2001a). Income and happiness: towards a unified theory. *Economic Journal* Vol. 111 n. 473, 465–484.

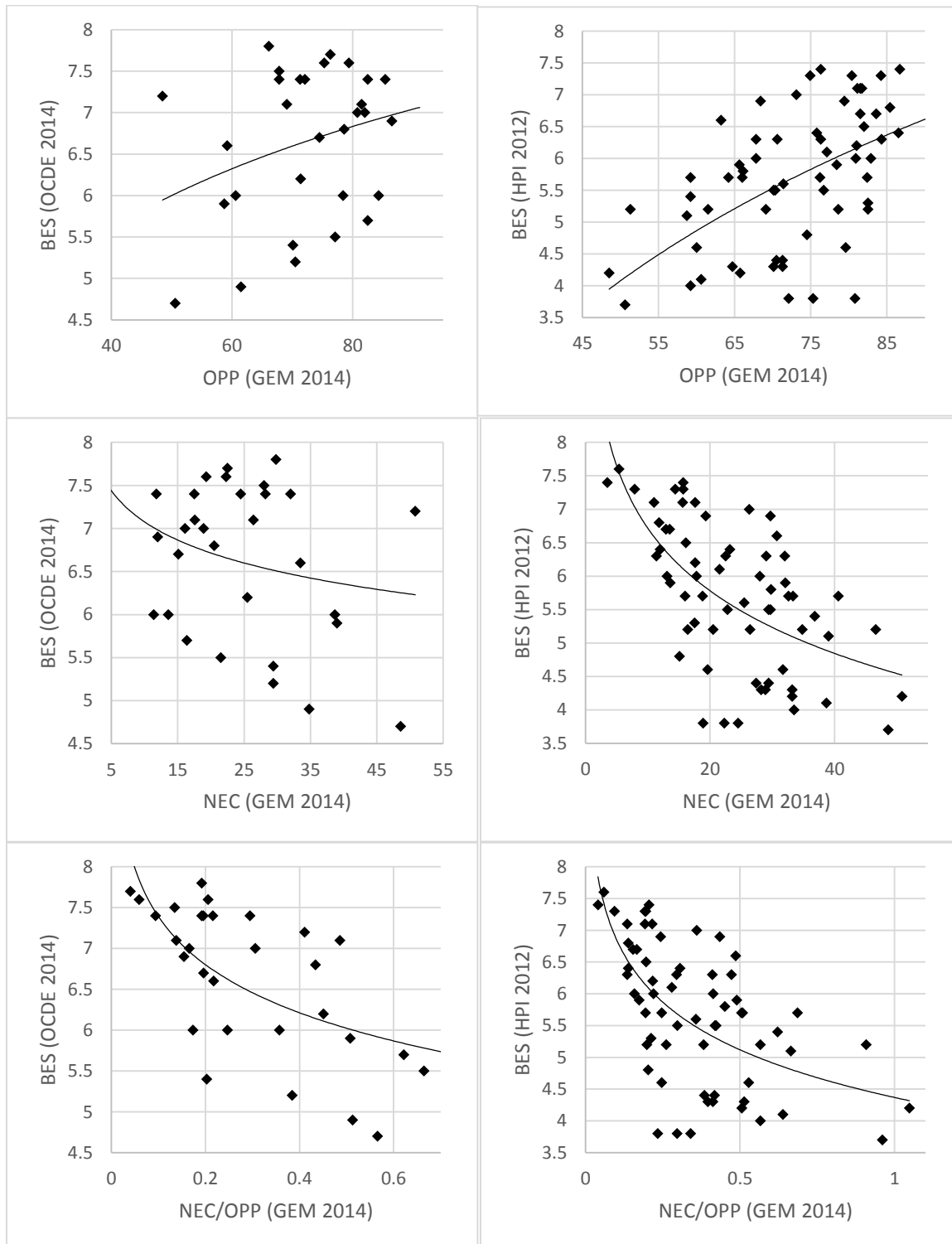
- Easterlin, R.A. (2001b). Life cycle welfare: evidence and conjecture. *Journal of Socio-Economics* Vol. 30 n. 1, 31–61.
- Fleche, S., C. Smith e P. Sorsa (2012), “ Exploring Determinants of Subjective Wellbeing in OCDE Countries: Evidence from World Value Survey”, *OCDE Statistics working papers*, N. 2012/01, OCDE Publishing, Paris
- Frey, B.S., Stutzer, A. (2000). Happiness, economy and institutions. *Economic Journal* Vol. 110 n. 466, 918–938.
- Frey, B.S., Stutzer, A. (2002a). What can economists learn from happiness research? *Journal of Economic Literature* Vol. 40 n. 2, 402–435
- Frey, B.S., Stutzer, A. (2002b). *Happiness and Economics: How the Economy and Institutions Affect Human Well-Being*. Princeton University Press, Princeton.
- Fuchs-Schundeln, N. (2009). On preferences for being self employed. *Journal of Economic Behavior & Organization*, Vol. 71, n. 2, 162–171.
- GEM. (2004). Relatório Síntese, Estudo de Avaliação do Potencial Empreendedor em Portugal em 2004, Projecto GEM Portugal. Sociedade Portuguesa de Inovação.
- GEM. (2012). Relatório, GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR PORTUGAL 2012, Estudo sobre o Empreendedorismo. Projecto GEM Portugal. Sociedade Portuguesa de Inovação
- GEM. (2013). Relatório, GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR 2013 *Slavica Singer, José Ernesto Amorós e Daniel Moska College, Universidad del Desarrollo, Universiti Tun Abdul Razak, Tecnológico de Monterrey e London Business School*.
- GEM. (2014). Relatório, GLOBAL ENTREPRENEURSHIP 2014 *Slavica Singer, José Ernesto Amorós e Daniel Moska, Babson College, Universidad del Desarrollo, Universiti Tun Abdul Razak, Tecnológico de Monterrey e London Business School*.
- Helliwell, J. F. (2003). How's life? Combining individual and national variables to explain subjective well-being. *Economic Modelling*, Vol. 20 n. 1, 331–360.
- Hill, L. (2014). The Science of Welfare: Adam Smith's Political Thought, ARC Discovery Grant, working-paper The University of Adelaide.
- Hill, S. E., Buss, D. M. (2008). Evolution and subjective wellbeing. In M. Eid & R. J. Larsen (Eds.), *The science of subjective wellbeing* (62–79). New York: Guilford Press.
- Hundley, G. (2001). Why and when are the self-employed more satisfied with their work?. *Industrial Relations: A Journal of Economy and Society*, Vol. 40, n. 2, 293–316.
- Hupperty, A., Baylis, N., Kevenne, B. (Eds.). (2005). *The science of wellbeing*. Oxford: Oxford University Press.
- Kahneman, D., Diener, E., Schwarz, N. (Eds.), (1999). *Well-Being: The Foundation of Hedonic Psychology*. Russell Sage Foundation, New York.
- Kahneman, D., Wakker, P.P., Sarin, R. (1997). Back to Bentham? Explorations of experienced utility. *Quarterly Journal of Economics* Vol. 112 n. 2, 375–405.
- Layard, R. (2003). Happiness: Has social science a clue? Lionel Robbins memorial lectures 2002/3, London School of Economics, March 3–5, 2003.
- Layard, R. (2011). *Happiness: Lessons from a new science*. London: Penguin Books.
- Naudé, W.; Amoro´s, J. E. Cristi, O. (2014) “Surfeiting, the appetite may sicken”: entrepreneurship and happiness” *Small Business Economy journal* Vol. 42, n. 1, 523-540.
- NEF – NEW ECONOMICS FOUNDATION (2012). Working paper, Pursuing Rising National Well-Being: A Sisyphean Challenge?, Abdallah, Saamah, Center for Well-Being at nef.
- Oswald, A.J. (1997). Happiness and economic performance. *Economic Journal* Vol. 107, n. 445, 1815–1831.
- Pacheco. J. M. F. (2009). Empreendedorismo e Financiamento: Papel da Administração Pública em Portugal e da União Europeia, *Universidade de Aveiro Instituto Superior de Contabilidade e Administração*

- Sacks, D. W., Stevenson, B., Wolfers, J. (2010). Subjective well-being, income, economic development and growth. *Working paper* 16441, National Bureau of Economic Research.
- Saiz-Alvarez, J. M.; Martínez, A. C. Martínez, C. C. (2014) An Entrepreneurial Well-being Model based on GEM Data for Spain, *International Journal of Artificial Intelligence and Interactive Multimedia*, vol. 2, nº5
- Santarelli, E., Vivarelli, M. (2007). Entrepreneurship and the process of firms' entry, survival and growth. *Industrial and Corporate Change*, Vol. 16, n. 3, 455–488.
- Seligman, M. E. P. (2002). *Authentic happiness*. New York: Free Press
- Seligman, M. E. P. (2011). *Flourish*. New York: Simon & Schuster.
- Smith, A. (1979) [1776] *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, R.H. Campbell and A.S. Skinner (eds.), Oxford: Clarendon Press.
- Stevenson, B. Wolfers, J. (2008) "Economic growth and subjective wellbeing: Reassessing the Easterlin paradox", *Brookings Papers on Economic Activity, Spring*, 1-102.
- Stiglitz, J. E., Sen, A., Fitoussi, J. P. (2009). Report of the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress. Paris. Disponível em the Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress: <http://www.stiglitz-sen-fitoussi.fr/en/index.htm>
- Stutzer, A. (2004). The role of income aspirations in individual happiness. *Journal of Economic Behavior & Organization*, Vol. 54, n. 1, 89–109.
- Stutzer, A., Frey, A. (2010). Recent advances in the economics of individual subjective well-being. *IZA discussion paper* no 4850.
- Uy, M.A.; Foo, M-D, Song, Z. (2013) "Joint effects of Prior Start-up Experience and Coping Strategies on Entrepreneurs' Psychological Well-being", *Journal of Business Venturing*, vol. 28, n. 5, 2013, 583-597.
- Van Boven, L. (2005). Experientialism, materialism, and the pursuit of happiness. *Review of General Psychology*, Vol. 9 n. 2, 132–142
- Williams, R. (2013). Newtest: command to compute new test. *UCLA: Statistical Consulting Group*. Disponível em Statistical Consulting Group: <http://www.ats.ucla.edu/stat/stata/ado/analysis/>



## 7 ANEXOS

Anexo 1: Gráficos referentes à relação entre a felicidade nacional e o empreendedorismo



Anexo 2: Tabela de países representados na nossa amostra e respetivo número de indivíduos observados

Algeria **	591	Iraq *	566	Romania **	662
Azerbaijan *	732	Japan **	1,201	Russia **	1,460
Australia *	703	Kazakhstan *	1,050	Rwanda *	1,215
Bahrain *	701	Jordan *	447	Singapore **	1,214
Armenia *	568	South Korea **	745	Slovenia **	554
Brazil **	915	Kuwait *	835	South Africa **	2,570
Belarus *	966	Kyrgyzstan *	945	Zimbabwe *	1,201
Chile **	573	Lebanon *	720	Spain **	664
China **	1,527	Libya *	1,183	Sweden **	716
Taiwan *	757	Malaysia **	1,008	Thailand **	1,001
Colombia **	996	Mexico **	1,214	Trinidad and Tobago **	642
Cyprus *	620	Morocco *	910		
Ecuador **	807	Netherlands **	853	Tunisia *	632
Estonia *	943	New Zealand *	512	Turkey **	713
Georgia **	771	Nigeria *	1,153	Ukraine *	811
Palestine *	481	Pakistan **	467	Egypt *	557
Germany **	1,178	Peru **	795	United States **	1,375
Ghana **	1,166	Philippines *	922	Uruguay **	670
Hong Kong *	578	Poland **	546	Uzbekistan *	810
India **	855	Qatar *	700	Yemen *	488

\* Amostra usada para os modelos que não englobam variáveis empreendedorismo n=51155

\*\* Amostra usada para os modelos que englobam variáveis empreendedorismo n=28449

Anexo 3: Output dos modelos logísticos ordenados generalizados (gologit2)

<b>Resultados do modelo I (sem as variáveis empreendedorismo – NEC e OPP)</b>			
Variáveis	<b>J = 1</b>	<b>J = 2</b>	<b>J = 3</b>
<b>AGEc</b>	0.0064651 *** (0.0022571)	0.0037965 *** (0.0022571)	-0.002391 *** (0.0008341)
<b>AGE2c</b>	0.0005654 *** (0.0000476)	0.0005654 *** (0.0000476)	0.0005654 *** (0.0000476)
<b>MALE</b>	-0.3819119 *** (0.0592034)	-0.2287787 *** (0.0592034)	-0.0883849 *** (0.020358)
<b>LOGINCOME</b>	0.605416 *** (0.0457776)	0.556258 *** (0.0457776)	0.2395052 *** (0.0199167)
<b>EDUCATION</b>	0.0784773 *** (0.0126565)	0.0425801 *** (0.0126565)	-0.0215702 *** (0.0046121)
<b>HEALTHSTATE</b>	0.9910155 *** (0.01228)	0.9910155 *** (0.01228)	0.9910155 *** (0.01228)
<b>LMARRIED</b>	0.3986235 *** (0.0599218)	0.555221 *** (0.0599218)	0.3456261 *** (0.0230497)
<b>ENTREPRENEUR</b>	0.1861075 *** (0.0855036)	0.3382234 *** (0.0855036)	0.1469355 *** (0.0356254)
<b>FULLTIME</b>	0.5148451 *** (0.0767882)	0.4877123 *** (0.0767882)	-0.0962796 *** (0.0315292)
<b>PARTTIME</b>	0.2163923 ** (0.0917308)	0.3693455 *** (0.0917308)	-0.0164128 (0.0374946)
<b>Constante</b>	-0.6514114 *** (0.1023816)	-2.712374 *** (0.0599836)	-4.290248 *** (0.0584259)
Prob > chi2	0.0000		
Pseudo R2	0.0941		

(\*\*\* - significância a 1%; \*\* - significância a 5%)

Resultados do modelo II (com a variável empreendedorismo por necessidade - NEC)			
Variáveis	J = 1	J = 2	J = 3
<b>AGEc</b>	0.0027109 (0.0036458)	0.0016133 (0.0015111)	-0.0055644 *** (0.0010884)
<b>AGE2c</b>	0.000678 *** (0.0000633)	0.000678 *** (0.0000633)	0.000678 *** (0.0000633)
<b>MALE</b>	-0.2251287 ** (0.0939297)	-0.1447643 *** (0.0377207)	-0.0294248 (0.0270693)
<b>LOGINCOME</b>	0.5757007 *** (0.0717136)	0.5246557 *** (0.0313787)	0.2282366 *** (0.0254689)
<b>EDUCATION</b>	0.0681909 *** (0.0219209)	0.0354037 *** (0.0087503)	-0.0409662 *** (0.0062604)
<b>HEALTHSTATE</b>	0.9514099 *** (0.0168504)	0.9514099 *** (0.0168504)	0.9514099 *** (0.0168504)
<b>LMARRIED</b>	0.5345864 *** (0.0967497)	0.5798672 *** (0.0396475)	0.3146568 *** (0.0301982)
<b>ENTREPRENEUR</b>	0.7780306 *** (0.1384487)	0.6732319 *** (0.0598061)	0.3312068 *** (0.0479958)
<b>FULLTIME</b>	1.055125 *** (0.1139485)	0.7473841 *** (0.0489464)	-0.0220515 0.0417854
<b>PARTTIME</b>	0.8803459 *** (0.1575602)	0.7172903 *** (0.0652752)	0.1056618 ** (0.051122)
<b>NECc</b>	-0.0431556 *** (0.0061166)	-0.0256345 *** (0.0020216)	-0.0196728 *** (0.0012828)
<b>NEC2c</b>	0.0014508 *** (0.000335)	0.0013108 *** (0.0001394)	0.0006766 *** (0.000097)
<b>Constante</b>	-0.6946485 *** (0.162671)	-2.792186 *** (0.0838928)	-4.143069 *** (0.0781418)
Prob > chi2	0.0000		
Pseudo R2	0.1014		

(\*\*\* - significância a 1%; \*\* - significância a 5%)

<b>Resultados do modelo III (com a variável empreendedorismo por oportunidade - OPP)</b>			
Variáveis	<b>J = 1</b>	<b>J = 2</b>	<b>J = 3</b>
<b>AGEc</b>	0.0031855 (0.0036561)	0.0019973 (0.0015102)	-0.004543 *** (0.0010854)
<b>AGE2c</b>	0.0006691 *** (0.0000632)	0.0006691 *** (0.0000632)	0.0006691 *** (0.0000632)
<b>MALE</b>	-0.2659359 *** (0.0934957)	-0.1410918 *** (0.0376403)	-0.0392718 0.0268882
<b>LOGINCOME</b>	0.6177774 *** (0.0715204)	0.5323027 *** (0.0314121)	0.2342434 *** (0.025423)
<b>EDUCATION</b>	0.0466158 ** (0.0222474)	0.0361131 *** (0.0088202)	-0.0424246 *** (0.006267)
<b>HEALTHSTATE</b>	0.9649413 *** (0.0168279)	0.9649413 *** (0.0168279)	0.9649413 *** (0.0168279)
<b>LMARRIED</b>	0.4617111 *** (0.0958468)	0.564684 *** (0.0394006)	0.2919376 *** (0.0299986)
<b>ENTREPRENEUR</b>	0.6419445 *** (0.1391493)	0.5812788 *** (0.0603582)	0.3317436 *** (0.0483383)
<b>FULLTIME</b>	1.072303 *** (0.1139873)	0.7489673 *** (0.0488452)	0.0194718 (0.0416573)
<b>PARTTIME</b>	0.8532056 *** (0.1574451)	0.696381 *** (0.0653405)	0.1407403 *** (0.05107)
<b>OPPC</b>	0.0311642 *** (0.0045891)	0.0220049 *** (0.0016675)	0.0040133 *** (0.0010811)
<b>OPP2c</b>	0.0000848 (0.000184)	0.0005223 *** (0.0000816)	0.0000463 (0.0000554)
<b>Constante</b>	-0.4634008 *** (0.1688464)	-2.767436 *** (0.0848839)	-4.112279 *** (0.0782071)

Prob > chi2	0.0000
Pseudo R2	0.0984

(\*\*\* - significância a 1%; \*\* - significância a 5%)